Biblioteca Insólita

IVAN S. TOURGUENIEV

o duplo e a quimera

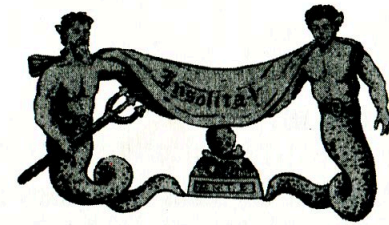
rolim

"Levantou a cabeça. Nesse momento a lua acabava de transpor o horizonte, e os seus raios caíam-lhe sobre a cara. O chão da novela estava branco como a cal, no ponto iluminado pela lua. O ruído tornou a repetir-se e, desta vez, mais nítido.

Um minuto passou, depois outro...

Lá está de novo o ruído! Volta-se. O raio da lua sobre a mancha do papel começa docemente a reunir-se... a ganhar uma forma... De pé à sua frente, transparente como uma névoa, ergue-se uma figura branca de mulher."

É neste tom e quase com estas palavras que começa **"O Duplo e a Quimera"**, que em russo *Ivan Sergueïevitch* Tourgueniev chamou "Aparições". E o texto continua:

— "Quem está aí?"

Título: O Duplo e a Quimera
Autor: Ivan Serguïevitch Tourgueniev
Tradução: Julieta Amêndola
Prefácio: A. Joaquim
Direcção Gráfica: João Pedro Cochofel
Logotipo colecção: Pedro Proença
Fotografia da capa: André Gomes
Fotocomposição: Colares Artes Gráficas
Impressão: Impresse 4
Depósito Legal n.º 87346/95
ISBN 972-687-132-8

apartado 3079
1302 Lisboa codex

Biblioteca Insólita

IVAN S. TOURGUENIEV

o duplo e a quimera

rolim

UM HOMEM — ROSEBUD

O texto começa por dizer «no entanto» e principiava a adormecer, quando julgou ter ouvido soar junto de si a corda de um instrumento; exprimia um tom triste e terno.

Levantou a cabeça. Nesse momento a lua acabava de transpor o horizonte, e os seus raios caiam-lhe sobre a cara. O chão do seu quarto estava branco como a cal, no ponto iluminado pela lua. O ruído tornou a repetir-se e, desta vez, mais nítido.

Apoiou-se no cotovelo. Sentia o coração a bater um pouco... Um minuto passou, depois outro...

Lá está de novo o ruído! Volta-se. O raio da lua sobre o soalho começa docemente a reunir-se... a ganhar uma forma... Ergue-se... De pé à sua frente, transparente como uma névoa, ergue-se uma figura branca de mulher.

É neste tom e quase com estas palavras que começa ***«O Duplo e a Quimera»****, que em russo Ivan Sergueievitch Tourgueniev chamou «Aparições». E o texto continua:*

— "Quem está aí?" perguntei, fazendo um esforço.

Uma voz frágil, como o sussurrar das folhagens, respondeu: — «Sou eu, eu; venho ver-te.

— Ver-me! Quem és ?».

Eu? Eu sou Ivan Sergueïevitch, o que está deitado. E ela que acaba de aparecer ***transparente como uma névoa*** *chama-se Ellis. É o meu duplo. Não é verdade que te chamas Ellis, que não tens corpo e que sabes voar? Eu sou russo, filho único, herdeiro de terras e de mujiks.*

E tu, quem és?

Como dizer-lhe quem sou? Eu sou uma espécie de estória que ouviu falar dele, que leu textos que ele escreveu, alguns belíssimos....Dei com textos cristalinos, quase transparentes, e, ao mesmo tempo, com personagens demasiado esquivos. Comecei a escrever sobre ele, mas, depois, resolvi ***chegar-me mais perto.***

Quer ver quem ***eu*** *fui? É isso?*

Gostaria de perceber onde estava o real. Por exemplo, na segunda vez que Ivan Sergueïevitch se encontra com Eliis...

Sim...

A impressão com que se fica é que Ivan desejava que na sua vida lhe aparecesse alguém, mais exactamente uma mulher, mas não uma mulher assim.

Isso acontece sempre. Andávamos todos à procura da ***mulher.***

Pode ser, mas não é esse o aspecto que me incomoda. O que me incomoda é ele não perceber que ela tinha de ser mesmo assim.

Como?

Vou dizer-lhe como tinha começado o texto: «foi um escritor que conheceu em vida um grande sucesso; esquecido depois de morto, deixou de ser lido; teve o destino dos ***ternos****.)"*

Sim?

Foi logo aqui que comecei a ter dúvidas: «são dúcteis e ficamos sem saber se são fracos. Nem o pensamento tem a dureza necessária, nem a vontade se deixa embalar por grandes rasgos» e, no entanto, — comentei — tem textos de uma grande amplidão temporal, verdadeiramente proféticos.

«E, no entanto, enquanto foi vivo» continuei a ler-lhe «fez-se ouvir e assumiu gestos políticos de grande coragem, contra o regime czarista. Por amizade e por misericórdia, é certo, mais do que por convicções propriamente políticas.»

E porque não?

Sim, isso não me incomoda. Talvez esses sejam, aliás, os melhores gestos.

E então?

É que o seu tempo foi um tempo de homens militantes, de actores de ideias. E você não, apesar de andar no meio deles. Mas deixe-me acabar, porque agora refiro-me ao que tenha talvez sido o seu ideal: «nada nos extremos, tudo na pincelada firme e ao de leve, seria o seu norte. Uma espécie de sábio taoïsta, que não foi, perdido nas grandes convulsões russas e europeias do séc. XIX, que foram o que se sabe.»

Mas eu não sei o que se passou, depois.

É óbvio. Mas se Ellis o ajudou a voar para o passado, eu posso ajudá-lo a voar para o seu futuro. Aliás, uma parte do que viu no passado que imaginou, era um realíssimo futuro. E terminava assim: «descobrindo-se vivo no tempo errado, procurou flutuar; a sua peculiaríssima arte literária serviu-lhe de bóia."

Mas porque é que está tão interessado em procurar entender-me? — perguntou Tourgueniev.

Porque Ivan Sergueïevitch foi dos raros que viu realmente a Quimera! Lembra-se do momento em que Ivan, pela primeira vez, viu Ellis?

Se me lembro! Viu-o dirigir-se para o carvalho, na orla da floresta. Ainda teve de esperar um pouco que ela aparecesse. Depois, ela surge e há uma impressão indelével que me deixou. Lembra-se de eu escrever que ***«através do seu rosto, distinguia uma silva movida pelo vento que se encontrava por detrás dela»****? Nunca me esqueci.* ***«Só os seus olhos e os seus cabelos possuiam uma cor mais sombria. Reparei ainda que num dos seus dedos, enquanto mantinha as mãos cruzadas,***

tinha um pequeno anel de ouro, pálido e brilhante.» Nunca mais me saiu também da recordação esse anel. Era fino, não especialmente rico, nem trabalhado. Mas presa a este pormenor está sempre uma voz embargada, trémula. Ele estacou a dois passos e quis falar-lhe, mas a voz embargou-se-lhe na garganta. Não era exactamente terror o que sentia. O teu olhar, Ellis, não exprimia nem tristeza nem júbilo, mas apenas uma atenção melancólica.

Não sabia como Ivan me ia receber — diz ela.

Ivan esperava que lhe falasses, porque eras tu que sabias, mas mantiveste-te calada, imóvel, fitando-o com um olhar fixo e morto.

Morto, não. Expectante — corrigiu.

— «Estou aqui! Soltei por fim um grito, fruto de um esforço espantoso. *(tão grande era o medo que cobria a imagem desejada, que)* **A minha voz soou com um som surdo e rouco.**

— Amo-te, respondeu ela com o seu fio de voz.

— Amas-me! Exclamei, estupefacto.

— Dá-te a mim, murmurou.

— Dar-me a ti! Mas tu és um fantasma, não tens corpo!»

Porque é que reagiu assim? — pergunto a Tourgheniev. Está a ver, são reacções destas que me fazem duvidar da sua biografia. Não tens corpo! foi o que disse Ivan. O que é não ter corpo? O que é ser, como fantasma? O que é dar-se a uma falta de corpo? E porquê definir o fantasma como falta disso?

São muitas perguntas a que não sei responder. Ele teve medo e Ellis contraiu-se. Para falar brutalmente, ele estava à espera de uma mulher que pudesse comer.

Mas para esse efeito tinha Pauline, a Viardot. O marido

não se importava. Aliás, **disso** *estava ele farto, é a impressão com que se fica. Não podia ser disso que ele estava à espera. Era forçosamente outra coisa.*

Sim, **era outra coisa.** *Ele procurava uma troca qualquer, uma qualquer reciprocidade...*

Mas ele podia tê-la! Aliás, **isso** *vê-se. Ellis dá-lhe imagem e viagem, presente e passado, protecção e surpresa, e em troca quer que ele lhe dê uma parte do seu sangue.*

Terrível !

O que é assim tão terrível? Ele queria mudar de elemento. O elemento-terra pesava-lhe. Só ela lhe podia dar a possibilidade de voar, que é a maneira que temos de viver aéreos. Em troca, queria energia, que ele se desse a ela. Lhe desse o seu sangue por ela.

É um facto, a terra pesava-lhe. Tornava-o lento e ele queria mais e mais velocidade, rapidez, mudança de paisagem, não parar. Eu escrevo muitas vezes **aqui e além**. *Ter olhos capazes de captar num lance a síntese da paisagem, fixar o visto, abarcar e ter pulmões para suportar bruscas acelerações, rápidas mudanças de ritmo. No elemento aéreo, tudo se torna fugaz.* **São sonhos que se passeiam.**

Dir-se-ia que Ivan viveu **abafado**, *toda a vida.*

Vivi toda a vida com uma impressão de falta de ar. Num outro livro, **O Primeiro Amor**, *conto como me tornei homem... Quando descobri como era, como, aliás, o meu pai era, faltou-me para sempre o ar. O meu pai era um* **Homem-Fogo**. *Havia tanta coisa que eu lhe poderia contar.*

Gostaria?

Repare, por exemplo, como Ivan Sergueïevitch descobre que os sonhos se passeiam e que, em raríssimas ocasiões apenas, se deixam ver. Ele sobrevoa com Ellis um parque, muito parecido,

aliás, com um outro, onde passei a minha infância ***«O que é isto? O que é este parque com avenidas de tílias talhadas em muralhas, pinheiros isolados que se assemelham a chapéus de sol, pórticos e templos ao gosto Pompadour, (...) um pequeno palácio de arquitectura igualmente rococó sobressai de um maciço de carvalhos densos.»*** *Estava tudo silencioso, com excepção de uma fonte solitária e invisível. Tente ouvir, no meio do silêncio da natureza, — e um parque, de certo modo, ainda é mais natureza do que a natureza, — o silêncio e, no meio desse silêncio, onde esperamos ansiosamente, a todo o momento, ouvir vozes ou passos, só se ouve um fio de água a correr. Digo-lhe que é uma sensação agradavelmente ameaçadora. No meio de uma álea, entre duas paredes de arbustos, Ivan* ***«avistou um fidalgo, vestindo uma veste com galões, sapatos com tacões vermelhos, punhos arredondados, a espada a bater na barriga das pernas, que dava a mão, com uma graciosidade distinta, a uma bela dama com um vestido de cestos, frisada, empoada...»*** *Não sei bem se consigo fazê-lo sentir o que senti em criança, ao ver uma cena idêntica, ou que talvez fosse a mesma. Tudo naquela imagem era sugestivo para os meus sentidos e, pensei-o muito mais tarde, para a forma que eu gostaria que o mundo tivesse: um homem forte, uma mulher que mostra o busto, sem tornar saliente o sexo, ambos compondo uma máscara com cremes, que realça o modo, tornado evidente, como desejam ser vistos um pelo outro, imenso espaço à volta para respirar, eles são a natureza no seu melhor, não acha? E repare no pormenor das mãos. Ele dá a mão à mulher. É uma imagem fortíssima. Para muita gente, pode ser banal, mas para mim, não.*

É uma forma superior de atenção e de delicadeza, interrompi.

Sim, é sobretudo o elo mínimo indispensável. Não posso deixar de ligar **essa mão que se dá a outra** *com o fio de água que, há pouco, se ouvia... Mas, para minha grande frustração, Ivan só viu* ***«pálidas e estranhas figuras!...»*** *Quis vê-las mais de perto, mas desapareceram logo, — pudera, se ele próprio as via pálidas e estranhas, que é uma outra maneira que temos para dizer* ***fugazes****! — e a única coisa que consegue é ouvir a tagarelice incessante da fonte.* ***«São sonhos que se passeiam,*** *disse-lhe Ellis.* ***Ontem podia-se ver uma coisa muito diferente... muitas coisas... Esta noite*** *(ou nesta época?),* ***até os sonhos fogem dos olhares humanos. Vamos! Vamos!»*** *Foi isto que não tive.*

Mas — retomei.— Voltando ao elo mínimo indispensável a que se referiu, essa mão que se dá a outra, como disse, é, de certo modo, uma forma de dar, como Ellis pedia. E não se esqueça que na sua imagem ele é um nobre, a espada que lhe bate, ao andar, na barriga da perna, indica que é ou foi um homem de combate.

Sim...

Em combate, ele pensa no seu rei, nos seus companheiros, na glória que vai ter e, de certeza, pensa nela. Ele está disposto a dar o seu sangue por ela, não é verdade?

Imagino. Mas eu nunca quis ser um homem assim. Eu sei o que me quer dizer: Ellis pede a Ivan que lhe dê directamente a ela o sangue que ele estaria disposto a derramar, como se dizia, por ela.

Seria uma verdadeira relação de reciprocidade, não acha?

Compreendo. Há aí de facto algo que me inquieta. Talvez Ivan não consiga ver mais do que pálidas figuras, por não estar aberto a essa forma de dar a vida.

Não há talvez outra forma de amar.

Sempre a mulher nos pediria o sangue? É isso? Lembro-me que, de facto, o meu pai acabou a sua vida em sangue, por causa das mulheres. Elas adoravam-no. Vi-o uma vez dar uma chibatada no rosto da rapariga que eu amava e que era, sem que eu o saiba, sua amante. Sabe (disse-me de repente) a personalidade que adquirimos, a mulher que desejamos e a época histórica em que nascemos e vivemos são ***coisas muito estranhas.***

Coisas?

Sim, são coisas. É, aliás, quem sabe?, uma única e mesma coisa. Quando nascemos, já está quase tudo decidido. E ***é toda essa coisa que nos vai pedir o sangue.*** *Agora, que olho para trás, acho que passei toda a minha vida a furtar-me a isso. Sim, pode dizer, eu vi a Quimera. Talvez, por ter fugido. Ou ter tentado.*

Sim, essa é a impressão com que se fica ao olhar para a sua vida. É, por isso, que lhe chamei um ***terno****. No sentido de que só aparentemente se deixava moldar, mas também porque foi sempre uma espécie de terceiro em tudo.*

Como assim?

Repare como nas suas escolhas literárias evoluiu do fantástico russo à Gogol,

Foi meu professor de História, sabia?

Eu sei. Mas, como dizia, evoluiu para um realismo, situado algures entre Dostoïevski, Tolstoi, Flaubert e Zola. Traduziu, aliás, uns e outros. Vê-se que procurou uma fórmula estética própria, que, no fundo, não é mais do que um pequeno desvio ao realismo literário reinante, não acha? É como se lhe tivesse respondido em terça. Repare, por exemplo, nos afectos. Experimentou os amores adolescentes, como toda a gente, foi desvirginado por uma viúva, lembra-se?, para, em seguida, passar

ao lado do casamento e ficar com a intermitente Pauline, com o marido desta e até, mais tarde, já você ia nos seus sessenta, andar a fazer tétés com a filha mais velha da sua velha amiga. Nada de grave. Digamos que são meras pinceladas. No casal, você foi o terceiro do trio.

Reconheço que rompi com a Tatiana que, como sabe, era irmã do Bakounine, e me apaixonei pela Pauline, por perceber que com a primeira só teria uma espécie de casamento militante e que com a outra não haveria perigo, pois ela nunca quereria casar comigo.

E na política? É a mesma coisa: vem do anarquismo, passa por cima da Comuna de Paris e ao lado do marxismo nascente, e estabiliza numa espécie de posição liberal, vagamente autoritário-tecnocrática ***avant la lettre****, como veio a acontecer pouco depois, com alguns meus compatriotas, seus quase contemporâneos, Eça de Queirós e Oliveira Martins.*

Ah, sim?

Sim, mas não é de admirar porque Portugal é, em termos de modernidade, uma espécie de problema eslavo.

É curioso, como assim?

Vocês, Russos nunca souberam como ocidentalizar a vossa sociedade, e nós, Portugueses, nunca soubemos como europeizar a nossa. Acabámos sempre por pensar que o melhor era deixar tudo como estava e introduzir ***uns quantos objectos de progresso.*** *Olhe, por exemplo, o telégrafo que conheceu, o comboio que também conheceu, o telefone que creio que já não é do seu tempo.*

Sim, eu fui pela modernização, apesar de não gostar da sociedade moderna. Aparte a liberdade de pensar e de toda a gente ser livre, acabei por perceber que as vantagens eram anuladas pelos inconvenientes. Sabe, no fundo, é o tipo de homem

que querem fazer de nós que é o verdadeiro problema. E a mulher tem um dom especial para nos levar a ser o tipo de homem que a época exige. No meu tempo, começava-se a ouvir muito barulho de botas para as bandas da Alemanha e, no meu país, eu não queria nem ser como o czar, nem como os revolucionários que se propunham refazer tudo de novo. Mas talvez fossem eles os únicos que soubessem o que queriam.

Para o que é que isso serve?

Para quê? Se não soubermos, não sabemos o que havemos de fazer de nós.

Há épocas em que é preferível não saber.

E, no entanto, houve coisas que eu não quis.

Você passou a vida a não querer.

E como é que queria que fosse diferente? Aos 10 anos, assisti a uma revolta de mujiks. Sabe que eu, como filho único, herdaria, como então se dizia, os mujiks e as botas, para os pisar? Não é que tivéssemos muitos, mas um só bastaria. Pelo menos, era o que então pensava, e ainda penso. Eu estava à beira do lago. Fazia calor, havia sempre um fundo de revolta e de bonomia nas relações com os mujiks. Não eram exactamente escravos, mas também não eram homens livres. Pertenciam à propriedade. Nos factos, pertenciam ao dono da propriedade.

Um misto de capital e de alfaias.

Sim. Aliás, podiam hipotecar-se mujiks. Podiam ser batidos, mas não abatidos. Podiam ter dinheiro, coisas deles, até terras. Mas, em caso de venda ou perca da propriedade, passava tudo para a posse do novo dono. A minha classe era a classe dos que não faziam nada. Era mal visto trabalhar. Mas, como tão bem me recordo, estava um dia de imenso calor. De repente todos se calaram à minha volta. Fez-se um silêncio que nunca esquecerei. Não era como o silêncio do parque. Não. Era outro

silencio. O silêncio a que os franceses chamam de **cortar à faca.** *E, de facto, há espadas e punhais escondidos nesse silêncio, prestes a agir. Só que não se vêem. De súbito* **«mesmo junto do meu ouvido, ressoou uma gargalhada estrondosa, brutal, seguida de um gemido e do ruído de um corpo a cair na água e a debater-se.**

Olhei à minha volta, ninguém, *contudo, ao fim de algum tempo, o eco da margem reenviou a Ivan Sergueïevitch os mesmos sons e, rapidamente, de todos os lados, levantou-se uma algazarra espantosa. Era um verdadeiro pandemónio de ruídos. Gritos humanos, assobios, vociferações furiosas, com gargalhadas...* **«gargalhadas mais terríveis do que tudo o resto»...** *Digo-lhe que não lhe desejo que alguma vez oiça gargalhadas como essas.* **São gargalhadas de coisa.** *Dessa coisa de que falei há pouco. Todos tinham deixado Ivan para ali sozinho. Ouvia distintamente, como mais tarde escrevi, o marulhar de remos na água, o silvo das machadadas, o estrépito de portas e de cofres quebrados, o queixume dos aparelhos de mastreação que se manobram, o ranger de rodas na margem arenosa do rio, o bater dos cascos de uma imensidão de cavalos, o dobrar dos sinos que tocam a rebate, o tinir das correntes, o crepitar lúgubre de incêndios imensos, canções de bêbedos, o ranger de dentes e pragas atrozes, lamentações, orações desesperadas, ordens militares, o estertor da morte misturado com os sons alegres dos pífaros, e com a cadência de rondas em fúria. Ele distinguia nitidamente aqueles gritos, como os que imaginara ter ouvido nas estórias que as velhas mujiks contavam sobre heróis passados. Heróis dos mujiks: —* **«Mata-o! enforca-o! deita-o à água! queima! mãos à obra! mãos à obra! sem tréguas!»** *Ivan, debaixo dos sacos, onde se escondera, julgava mesmo escutar a respiração ofegante que saía dos peitos*

esgotados. E, de repente, saiu da realidade. Nada via, mas imaginou que era um desses heróis que estava ali e borrou-se de pânico. ***O medo da coisa*** *tomara-lhe conta do ventre. Como sabe, quando um homem é virado do avesso, é pelo cu que começa a ser virado como uma luva. Todo o sentido de ordem se esvai, todo o sentimento de posse desaparece. Deixa de se pertencer a si próprio. E ouviu:* ***«Stepàn Timoféitch! Eis Stepàn Timoféitch!». Levantou-se um brado em toda a planície:***

— Viva o nosso paizinho! O nosso ataman! O nosso amo!» *Respondiam num clamor gigante os seus próprios mujiks. De repente, ainda que continuasse a não ver nada, Ivan Sergueïevitch tinha a sensação que um corpo gigantesco avançava ao seu encontro, e uma voz horrível, como* ***quando a coisa se transforma em homem, pôs-se a gritar: «Frolka, onde estás cão? Fogo por toda a parte! Vamos! Uma machadada nessas mãos brancas! Façam-mo em fanicos!»*** *Era assim que éramos chamados, por não fazermos nada. As mãos — era essa a razão que nos davam para as mantermos limpas e sem calos — com que acariciaríamos mais tarde os corpos das mulheres de pele branca e lavada. Sabe que cada vez que eu olhava para as minhas mãos, era isso que eu sentia? A quantidade de trabalho escravo necessário para fazer mãos daquelas. E, junto de uma mulher, já nua, eu não sabia que coisa prodigava as carícias. Se as minhas mãos, se o peso imenso do trabalho escravo. Ivan sentiu* ***"o calor de uma chama muito perto de mim, o odor acre do fumo penetrou nas minhas narinas, e ao mesmo tempo, qualquer coisa quente e líquida, como gotas de sangue, jorraram sobre a minha cara e sobre as minhas mãos. Gargalhadas selvagens estoiraram à nossa volta».*** *Não faz sequer ideia de como estas revoltas eram, depois, reprimidas! A partir daí passei a olhar para*

os mujiks de outro modo, como se tivessem dois olhos: o ***submisso e o da coisa.*** *Não descansei enquanto não me vi livre deles.*

Deu-lhes a liberdade.

Sim, esse foi o nome que lhe deram. Mas não era o nome do medo que eu senti. Vê, modernizar é isso. Não é dar mais liberdade, é acabar com as revoltas. E eu fazia parte dos que não queriam voltar mais a ver a coisa. Compreende como eu não podia estar de acordo com os revolucionários. Como é que eu poderia colaborar ***naquilo****, feito por mim, e à escala de toda a Rússia?*

E, no entanto, foi isso que aconteceu 60 anos depois.

O quê?

Sim, é verdade; só que os mujiks não gritarão mais tarde esse nome de que falou, mas um outro, imperial e proletário, o de Joseph Staline, o grande mujik. E sobre toda a Rússia.

Não diz nada?

Que hei-de dizer? No fundo, apesar de triste, não estou admirado. Foi então isso que aconteceu? Eles conseguiram?

Sim. Esse Staline nasceu 15 anos depois de você ter escrito ***O Duplo e a Quimera.***

Eu bem senti a Quimera a rondar aquelas paragens.

Creio que sim, apesar de eu ter a impressão de que você sempre hesitou entre saber se ela era real ou literatura.

Sabe, tive as minhas desconfianças. Via-os tão seguros de si. Quando se falava com o Dostoievski, ou com o Zola, ou com o Flaubert, ou até com o Tolstoi, tudo parecia evidente. Para eles, a humanidade tinha encontrado a senda do progresso. Eu não tinha tantas certezas.

Era um inquieto.

Sim, muitas vezes, ao espelho, enquanto me barbeava, olhava para o Ivan que eu encontrava nele reflectido e dizia-lhe

«Vês, aqui, à tua frente, um inquieto à escuta, nascido num meio que não lhe deu oportunidades para estar atento e ouvir. Nascido para ser esteio de sociedade, proprietário de terras e de mujiks; vês aqui um homem que foi forçado a dizer que ***«isso, nem pensar!»*** *e passou grande parte da vida a explicar porquê. Por exemplo, por detestar mandar nos outros. É tão simples como isso: o homem que aqui vês não queria caminhar, tendo por chão os servos da gleba que ia herdar com as terras e com as botas». Pauline entrava e pensava que eu estava a ficar doido.*

Podíamos, agora, abordar a sua obra.

Acha que já viu suficientemente o homem, é isso?

Não. Mas já que falou de si ao espelho, podia ter dito: «Sou um homem normalíssimo e original. Se entre os 18 e os 23 anos, fiz perguntas; entre os 23 e os 39, pensei ter a resposta. Nessa altura, atravessei uma depressão profunda, rasguei todos os manuscritos e, aos poucos, passei unicamente a dar respostas — avulsas, segundo os casos, seguindo o coração».

As coisas podem de facto ser vistas assim.

Mas pode ainda acrescentar que aos 38 anos, publicou ***Contos e Novelas****; aos 42,* ***Primeiro Amor****; aos 46,* ***Aparições****; aos 49,* ***Fumos****; aos 52,* ***Uma Estranha História****; aos 56,* ***Terras Virgens****; aos 63,* ***Canto do Amor Triunfante****. E que aos 65 anos, foi morrer a casa de Pauline, na sequência provável de um cancro. Foi isto?*

O quê? O cancro? O cancro é provavelmente o resultado de tudo isso. Que quer que lhe diga? Como dizem os franceses, sentia-me ***au bout du rouleau.***

Não. Não é isso que lhe queria perguntar. O que gostaria de saber é de onde lhe veio a depressão, aos 39 anos. Como é que soube que tinha deixado de saber a ***resposta.***

Não saberei dizer-lhe como as coisas se passaram

exactamente. As relações com Pauline e com o marido não estavam a correr bem. Tive entretanto uma experiência homossexual com Fet. Também não correu bem. Mas tudo isto é a espuma do que eu sentia, das minhas hesitações cada vez mais fortes. Na realidade, eu não sabia o que fazer da minha vida. Já extremamente cansado e inquieto, assisti em Berlim a uma parada militar que me deixou fortemente impressionado. A Prússia preparava-se para assumir definitivamente a liderança alemã. O seu exército infundia respeito. E, no meio dos brados da multidão, ao ver todo aquele cadenciado de passos e de instrumentos, imaginei os milhões de mujiks russos indisciplinados e frustres, a marchar com o passo certo para uma direcção fixa qualquer. Aliás, era o que forçosamente aconteceria, levasse o tempo que levasse, logo que fossem libertos. Comecei a sentir-me angustiado, sem ter onde me apoiar; ainda tentei serenar-me, chamar pela minha imagem interior da mulher amada, mas a ***coisa*** *foi mais forte do que eu.*

Que coisa?

Isso*. Uma maré humana que avançava, pronta a submergir o que encontrasse pelo caminho, a ovacionar, numa só voz, o nome do seu chefe. Só que o nome do chefe era o nome da coisa feita gente. Eu estava, desde a manhã, à espera da parada. O imperador devia assistir... quando ouvi... mas desisto de descrever o que experimentei. Ao princípio, era um ruído confuso, dificilmente perceptível ao ouvido, e repetindo-se incessantemente de trombetas e palmas. Parecia que nalgum lado, prodigiosamente longe, ou num abismo sem fundo, se agitava uma multidão numerosa. Erguia-se, levantava-se em vagas concentradas, sempre a dar gritos abafados, semelhantes àqueles que se escapam do peito, nesses sonhos pesados que parecem durar séculos.Tive então a sensação de ver sombras surgir e*

desfilar, miríades de sombras, milhões de formas, umas arredondando-se em elmos, outras projectando-se como lanças. E todo este exército, toda esta multidão se apressava, se empurrava, avançava, crescia. Sentia-se que era animada por uma energia indizível, capaz de revolver o mundo. **«Contudo, não havia uma única forma que se destacasse. De repente, toda esta multidão é agitada por um movimento estranho — dir-se-íam vagas imensas que se afastam, que recuam. Caesar! Caesar venit! repetem mil vozes confusas, semelhantes ao estremecimento das folhas numa floresta sobre a qual se abate um furacão. Um toque surdo ressoou, e uma cabeça pálida, severa, com as pálpebras fechadas, cingida por uma coroa de louros, a cabeça do imperator, saiu lentamente da ruína".** *Não, não há palavras numa língua humana para exprimir o terror que se apossou de mim.*

Não diz nada? Porquê esse silêncio? Não era o passado? Também aqui o futuro realizou o que eu vira? A **coisa** *conseguiu vencer?*

Sim, também isso se realizou depois, e nesse mesmo sítio. 90 anos depois. Não era César, era Hitler, com as suas legiões germânicas.

Sabe uma coisa? À medida em que eu ia mergulhando na depressão, sem contar como fui capaz de sair daquele lugar e voltar para Paris, para casa de Pauline, fui-me interrogando, por lampejos, sobre o tipo de homem que a época exigia que fôssemos. Quando recuperei, eu era de facto outro homem. Lembro-me de ter ido, para espairecer, até à costa do Mar do Norte, passar uns dias a casa de uns amigos, onde, por sinal, ouvi, pela primeira vez falar de Eliot e de Dante Gabriel Rossetti. Mas passemos. Com esses amigos, fui num desses dias, até às falésias. Estava um dia escuro e nada amigável. Quis voltar para trás, mas como os vi tão

à-vontade no meio daquela paisagem inóspita, não insisti e lá continuei. À medida que nos abeirávamos do extremo da falésia, o rugido do mar ouvia-se cada vez com mais furor. Era medonho. À distância, já recebíamos na cara os salpicos de água fria e salgada, como estilhaços de ondas furiosas. Mas continuávamos a avançar. Via os outros homens caminhar intrépidos, a cortar o vento que soprava para terra e trazia as ondas violentas contra a falésia. De repente, quase sem transição, estávamos sobre elas, rugindo lá no fundo, por entre as rochas. Sobre as nossas cabeças, nuvens baixas, pesadas, espessas, apertando-se, empurrando-se como uma matilha de monstros em fúria.; — por baixo de nós, um outro monstro, um mar enraivecido, sim, enraivecido. Uma espuma branca, lançada em convulsões, elevava-se em montanhas agitadas; ondas devastadoras batiam, com um fragor brutal, contra rochedos espantosamente negros. O rugido da tempestade, o sopro gelado saindo do fundo dos abismos, o estrondo das vagas a bater contra as falésias, em que julgávamos ouvir, ora queixumes de lamentação, ora uma descarga de artilharia ao longe, ou então ainda, um tilintar de sinos... depois, o rangido dos calhaus a rolarem na costa... por vezes o grito de uma gaivota invisível... e numa aberta do céu, a silhueta incerta de um navio.

Devia ser terrível.

Sim; no estado em que me encontrava, só via em toda a parte a morte, a morte e o terror!... Lembro-me que fechei os olhos, inteiramente horrorizado.

"O que é isto? Onde é que estamos?» *perguntou Ivan Sergueïevitch.*

— Na costa sul da Ilha de White, diante dos rochedos de Blanckgang, onde muitas vezes os navios se perdem, respondeu Ellis», *como escrevi mais tarde em* **O Duplo e a Quimera.**

Mas o que é que lhe fazia tanta impressão?

Como lhe disse, havia que contar com o estado de grande fragilidade em que me encontrava. Mas, mesmo assim, todo aquele poderio, aquele sugar de navios perdidos, aquele tremendo espectáculo não me fez curiosamente pensar na coisa, mas no que me exigiam como homem. O meu pai era severo. A minha mãe só desejava que eu me casasse e seguisse as passadas do meu pai.

Queriam que seguisse um trajecto normal. Que foi o de quase todos os homens, até há pouco tempo.

Que quer dizer com "até há pouco"?

Até meados dos anos 60 do séc. XX.

Ah, sim!? Eu acabei por ter um trajecto normal e, ao mesmo tempo, originalíssimo. Não contentei ninguém, nem a mim próprio. Tenho a impressão que quis ser grou e me tornei sapo. Um desses sapos que está à espera de uma rapariga inocente que lhe quebre o feitiço.

Em ***O Duplo e a Quimera****, aparecem justamente o grou e o sapo.*

Sim, é verdade. À vertical um do outro. O sapo aparece numa espécie de país de lenda, e o grou, nas alturas, em companhia dos seus camaradas.

São, aliás, duas passagens muito belas. Deixe-me recordar-lhas: ***«Montanhas sombrias, dentadas, cobertas de bosques,*** *(...)* ***seguidas de outras montanhas com as suas ondulações, as suas ravinas, as suas clareiras,*** *(...)* ***E às montanhas sucediam-se sempre outras montanhas.*** *(...) Sempre as montanhas, sempre as florestas, admiráveis florestas,* ***antigas mas vigorosas. A noite está clara; distingo todas as espécies de árvores, sobretudo os pinheiros, com o tronco direito e branco.*** *(...) As ruínas de um torreão, no cume de um rochedo nu, erguem tristemente os dentilhões a abrir brechas.*

Por cima das vetustas pedras esquecidas cintila serenamente uma estrela. De um pequeno lago negro solta-se, como um lamento misterioso, a nota cristalina dos sapos respondendo-se em terça *(repara como uma terça é um terno de som? Foi assim que Ivan Sergueïevitch se viu, não foi?, como sapo, de voz cristalina, no meio da floresta, respondendo em terça aos outros sapos, não muito longe do antigo torreão abandonado onde moravam os homens que já não existem).* ***Outros sons prolongados e melancólicos, como as vibrações da harpa eólia, chegam até mim. Estamos no país das lendas. Mesmo aqui, aquele fino vapor rasando a terra (...) estende-se por todos os lados. É sobretudo nos pequenos vales que ele é mais intenso. Conto cinco, seis, dez nuances distintas nas encostas das montanhas, e sobre este espaço aberto, vasto e monótono, a lua reina tranquilamente.»*** *E mais adiante, escreve ainda, passando de* ***sapo comunicativo e isolado a grou solidário e forte:***

«Treze portentosos e belos pássaros, dispostos em triângulo, avançavam rapidamente, agitando, muito espaçadamente, as suas vigorosas asas arqueadas. Esticando o pescoço e as patas, exibindo os seus peitos fortes, lançavam-se com tanta impetuosidade que o ar sibilava à volta deles. Era estranho ver, a esta altura, tão longe de todos os seres vivos, esta vida enérgica e audaz, esta vontade irresistível. Sem trégua e sem descanso, fendendo sempre vitoriosamente o ar, os grous trocavam de tempos em tempos alguns gritos com o seu camarada na ponta do triângulo, e havia algo de altivo e grave, como um sentimento de confiança inabalável, nestes gritos retumbantes, nesta conversa aérea. — Voaremos até ao fim apesar do cansaço, pareciam dizer entre si,

***encorajando-se uns aos outros** (...) **há muito poucos homens comparáveis a estes pássaros.**» No fundo, era este o lamento da sua vida solitária e aos atropelos. A revelação do elemento adequado ao seu desejo de viver, não foi?*

*É verdade. Eu digo, aliás, noutra passagem, como achava os homens mesquinhos, batendo-se em vão contra o imutável e o inevitável. Sabe, eu não queria (nem podia) ser assim. Não era capaz de corresponder ao ideal-tipo de homem. Um ideal que se foi instalando progressiva e insidiosamente, desde os finais da Revolução Francesa. Um ideal de homens **assim**, disciplinados, casados, monogâmicos, cínicos, isolados e combativos, servidores do Estado que desejavam expansionista e respeitadores das regras da sociedade heterossexual. Há pouco, definiu-me como um terno, e eu, em parte, estou de acordo. Mas como é que podia ser de outro modo?*

Outros tentaram enfrentar. Lutaram para que o grou não se tornasse sapo.

Sim, mas a que custo? Recorda-se de eu lhe ter dito que a nossa personalidade, o amor ou desamor que construimos e a história em que vivemos fazem um todo, para não dizer que são uma e a mesma coisa? Pareceu-me que só me restava passar ao lado.

Em vez de desatar esse nó, procurou que esse nó não o atasse.

E porque não? O sistema fazia com que a maioria representasse, hipocritamente, a regra, e que alguns outros, confessadamente, a excepção. Uns a imaginar que punham o mundo de pé, à burguesa ou à revolucionária, e uma minoria a tentar passar por entre essas malhas paranóicas. Porque quando se olha com atenção para esse tipo de homem, para os que tentaram seguir a norma, vemos que muitos deles, à medida que

se resignam ao existente frustrante, guardam ainda uma imagem interior, a que chamam intimidade e segredo. No meu tempo, só poucos, muito poucos, normalmente artistas, procuram dar forma explícita, pública, legível a essa imagem íntima. Só raros confessaram, como nós, a dificuldade de serem homens assim, como a época nos queria e nós não queríamos. Dou-lhe o exemplo de artistas que conheci de perto, como Balzac, Hugo, Dostoïevski, Flaubert, Tolstoi, Gautier e tantos outros.

*E, no meu país, os homens que foram chamados os «Vencidos da Vida». São os **Homens-Rosebud**.*

O quê?

É o nome que vem de um filme feito por um americano.

Um filme?

*Desculpe, mas não sou capaz de lhe explicar o que é. São imagens projectadas em movimento, que contam uma história. Naquela a que me refiro, um homem que foi rico e poderoso interroga-se sobre o mistério da sua infância, através de um brinquedo que guardou sempre com ele. Nesse brinquedo, havia a palavra **Rosebud**, que significa «botão de rosa». A história desenvolve-se criando a sensação de que se o homem soubesse o significado e a importância desse brinquedo, atravessaria a opacidade do mistério da sua vida.*

Por isso, como compreenderá, a arte que criámos é normalmente denunciativa, descritiva do estado das coisas, quase sócio-psicológica, balbuciante quanto a outro possível que, todavia, não achávamos que fosse possível. Tínhamos, de facto, o forte pressentimento de nos termos enganado num momento qualquer das nossas vidas, mas não conseguíamos perceber quando é que nos tínhamos transformado de grous em sapos. Não havia por onde voar, é um facto. A terra tinha-se tornado demasiado pesada e entediante. Sabe o que é sentir tédio, de

manhã à noite? Pode-me crer! havia que ser pequeno, muito pequeno e passar ao lado.

Por isso contrariamente a um **Homem-Lago**, *como Sthendal, que criou um espaço sócio-afectivo integralmente imaginário, despido de qualquer lamento, e contrariamente aos* **Homens-Fogo**, *como Rimbaud, Nietzsche, Rilke, Kafka, Musil, que abriram caminho aos afectos puros, na esperança de uma nova raça de homens, vós, os Homens-Rosebud haveis enveredado, muitas vezes, pelo caminho do insólito e do fantástico, à procura de uma réstea de fio de* **água nostálgica**, *para dar de beber à imagem interior, à espécie de duplo feminino que acalentaram.*

Há, aí, nomes que desconheço, mas, no essencial, estou de acordo. Falando dos que conheci, não lhes invejo a sorte. Qualquer deles viu também a Quimera certamente, mas nenhum deles conseguiu voltar para vos dizer como era. E eu voltei. Pelo menos, isso ficou.

Vencido e sobrevivente.

Nunca fui um guerreiro. Sei bem como isso me esfacelou a personalidade.

E, no entanto, no vosso grupo, quase todos tiveram a noção de um duplo feminino.

Não foi **no entanto**, *mas por causa de. Tínhamos a noção de um duplo que nos acompanhava e nos sugava. Que desejávamos e repelíamos. O mais difícil foi renunciarmos à mulher, mas não havia outra hipótese.Cada um de nós, à sua maneira, foi descobrindo que era ela o centro da Quimera. Que ela era uma espécie de salvação perigosa, de dissolvente. Há nela uma atracção vertiginosa pelo abismo. Acabámos por concluir que se era assim que ela nos queria despertar de sapo, se o príncipe era para ser marido em casa e militar na praça, se era para nos reconduzir à história que ela nos despertava, mais valia*

ficar sapo toda a vida. Uma esperança ilusória é preferível a um mau despertar.Porque quando ela nos quer **todo**, *não imagina sequer o que está a pedir, a nós e a ela. O facto é que quando nos tem* **todo** *nas suas mãos, não sabe o que fazer de nós. Faz-nos em fanicos, desvaira. Ela é a* **coisa** *ao pé de nós.*

Dentro de vós e vós dentro dela.

Sim, e é então que a Quimera ataca. Olhei para ela, e todo o meu sangue gelou. Aquele que viu um rosto humano exprimir inesperadamente o mais vivo terror, sem causa aparente, esse compreenderá a minha impressão. O assombro, o terror mais pungente contraía, transtornava as suas feições. Nunca tinha visto nada de semelhante num rosto vivo... Um fantasma inanimado, uma criatura sobrehumana, uma sombra, e este pânico inaudito!...

«Ellis, o que é que tens? Perguntei-lhe.

— Ela! É ela! respondeu Ellis a custo. É ela!

— Quem? Ela?» *Pediu-me que eu não pronunciasse o seu outro nome! que era preciso fugir! que tudo acabara... e para sempre!...E disse-me: "Olha! Aqui está ela." Voltei os olhos para ela, e notei qualquer coisa... qualquer coisa de verdadeiramente aterrorizante. Era uma massa pesada, sombria, de um negro amarelado, salpicada como a barriga de um lagarto. Não era nem uma nuvem nem um vapor.* **Essa coisa** *nascia de nós, lentamente, à maneira de um réptil; em seguida, eram movimentos enormes, tanto em cima como em baixo, grandes balanceamentos regulares, que faziam lembrar o bater de asas de uma ave de rapina, apressando-se a capturar a sua presa. Por instantes, descia sobre nós dando saltos hediondos... É assim que a aranha se lança sobre a mosca presa na sua teia.* ***«O que és, massa terrífica?...»*** *perguntei. Ao aproximar-se, — via-a e senti-a, — tudo ficava subitamente invadido de torpor, tudo entrava em*

dissolução. Um frio venenoso e pestilento propagava-se em volta, e a sensação deste frio produzia náuseas, os olhos deixavam de ver, e os cabelos arrepiavam-se todos na cabeça.

Era uma força em movimento, não era? — perguntei-lhe

— Uma força insuperável, que nada pára que, sem forma, sem visão, sem pensamento, vê tudo, sabe tudo, tão ardente como a ave de rapina a apanhar a sua vítima, tão astuta como a serpente, e como ela, malévola, e degolando a sua presa com o aguilhão de gelo?

Como é que sabe?

Eu sou a estória que conta essa história, actualizada.

E a morte então?

Talvez eu não seja isso; ou talvez eu tenha um nome mais acessível, o real que você conseguiu ver.

PS: Ou talvez ainda o seu nome seja o esquecimento que nos impede de saber o que, de facto, significa Rosebud.

A. Joaquim

Um instante apenas... o encantamento foi-se,
E a alma enche-se mais uma vez de «possível».

A.A. Fet, *Fantaisie, 1847*

I

Não conseguia dormir, e agitava-me em vão na cama, de um lado para o outro — o diabo, pensava eu, é como essas mesas giratórias que nos dão cabo dos nervos! No entanto, começava a adormecer, quando pensei ter ouvido ressoar junto de mim a corda de um instrumento; exprimia um tom triste e terno.

Levantei a cabeça. Nesse momento a lua acabava de transpor o horizonte, e os seus raios caiam-me sobre a cara. O chão do meu quarto estava branco como a cal, no ponto iluminado pela lua. O ruído tornou a repetir-se e, desta vez, mais nítido.

Apoiei-me no cotovelo. Sentia o coração a bater um pouco... Um minuto passou, depois outro... Algures, ao longe, um galo cantou, ainda mais longe, um outro galo respondeu-lhe.

A minha cabeça tornou a cair sobre a almofada. — «Estarei bem? Perguntei a mim mesmo. Será que não deixarei de ter sempre zumbidos nos ouvidos?"

Por fim adormeci. — ou pensei ter adormecido. Tinha sonhos estranhos. Ficava espantado de me encontrar deitado no meu quarto, na minha cama... sem poder fechar os olhos. — Lá está de novo o ruído! Volto-me. O raio da lua sobre o soalho começa

docemente a reunir-se... a ganhar uma forma... Ergue-se... De pé diante mim, transparente como uma névoa, ergue-se uma figura branca de mulher.

"Quem está aí?" perguntei, fazendo um esforço.

Uma voz frágil, como o sussurrar das folhagens, respondeu:

— «Sou eu, eu; venho ver-te.

— Ver-me! Quem és ?

— Vem à noite, estarei debaixo do velho carvalho, no ângulo do bosque, à tua espera.»

Procuro ver os traços desta misteriosa figura e sem querer sinto calafrios. Sinto-me como que enregelado. Já não estou deitado, mas sentado na minha cama, e no sítio onde pensava ter visto um fantasma, há somente um raio branco da lua alongando-se no soalho.

II

O dia custou muito a passar. Quis ler, trabalhar!... Não conseguia fazer nada. Por fim a noite veio; o meu coração batia na expectativa de algum acontecimento. Deitei-me com a cara voltada para a parede...

«Porque é que não vieste?» murmurou um fio de voz, fraco mas nítido, muito perto de mim, no meu quarto...

É ela! O mesmo fantasma misterioso, com os olhos imóveis, o rosto imóvel, o olhar cheio de tristeza...

«Vem! murmurou de novo.

— Eu vou!» respondi, mas não sem terror. O fantasma pareceu esboçar um movimento na direcção da minha cama. Cambaleou... a sua forma tornou-se confusa e turva como um vapor. Um instante depois havia apenas o reflexo branco da lua no soalho polido.

III

Passei todo o dia seguinte numa grande agitação. Ao jantar bebi quase uma garrafa de vinho. Saí por momentos para o patamar, mas voltei quase imediatarnente, e deitei-me; o pulso batia-me com força.

Aquele frémito de corda voltou a fazer-se ouvir mais uma vez. Tinha calafrios e não ousava olhar... De repente... Tive a sensação que alguém se abeirava de mim pelas costas, e pondo as mãos nos meus ombros, me murmurava ao ouvido: "Vem, vem, vem!" Tremendo, respondi com um grande suspiro: «Estou aqui!» e levantei-me na cama. Lá estava a mulher branca, inclinada sobre a minha cabeceira; sorriu-me docemente e desapareceu logo. Eu tivera todavia tempo para lançar um olhar sobre o seu rosto; ficara com a impressão que já a tinha visto nalgum lado, mas onde e quando?... Levantei-me muito tarde e a única coisa que fiz o dia todo foi passear-me pelos campos. Aproximei-me do velho carvalho na orla do bosque, e examinei cuidadosamente todos os lugares em redor.

Ao fim da tarde sentei-me à janela, no meu gabinete; a minha velha criada trouxe-me uma chávena de chá, em que não toquei. Não conseguia tomar uma resolução e perguntava a mim próprio se não estava a ficar louco. Entretanto o sol ia desaparecer; no céu não havia uma nuvem. Subitamente, a paisagem adquiriu uma tonalidade púrpura quase sobrenatural; envernizadas por este tom de laca, a folhagem e a erva já não ondulavam, e pareciam petrificadas. Todo aquele brilho e aquela imobilidade, a nitidez luminosa de todos os contornos, e o silêncio melancólico que se fez, ofereciam um contraste estranho e inexplicável. Sem se fazer anunciar pelo mais leve ruído, um pássaro escuro, bastante grande, voou de repente para a beira da minha janela; olhei-o, ele também

me olhou, de lado, com o seu olho redondo e profundo. «Foste enviado, sem dúvida, pensei, para que não me esqueça do encontro.»

Imediatamente o pássaro agitou as suas asas debruadas de penas, e levantou voo sem fazer mais barulho do que o que fizera ao vir. Fiquei ainda muito tempo sentado à janela mas, entretanto, toda a hesitação se esfumara. Sentia-me preso num círculo mágico. Era inútil resistir, de tal modo estava a ser conduzido por uma força secreta; é assim que uma barca é arrastada inevitavelmente pelos rápidos, para as cataratas que a destruirão. Finalmente, voltei a mim; a cor púrpura da paisagem tinha-se desvanecido, as suas colorações brilhantes tinham perdido brilho e iam rapidamente diluir-se na obscuridade. A imobilidade mágica também tinha cessado; levantava-se um vento ligeiro e a lua subia brilhante no céu azul; sob influência dos seus raios frios, as folhas das árvores tremelicavam, ora negras ora prateadas. A criada entrou com uma vela acesa, mas da janela sobreveio uma rajada de vento e apagou-a. Levantei-me bruscamente, enterrei o chapéu até aos olhos e dirigi-me a passos largos para o sítio do bosque onde se encontrava o velho carvalho.

IV

Já há muitos anos que este carvalho tinha sido atingido por um raio; o cimo, quebrado, estava morto, mas o resto da árvore ainda tinha vida por mais alguns séculos. Uma nuvenzinha passava diante da lua à medida que eu me aproximava, e estava muito escuro debaixo da espessa folhagem do carvalho. À primeira vista não notei nada de extraordinário, mas olhando de lado, — o meu coração deixou de bater de repente — apercebi-me de uma figura branca, imóvel, junto de um silvado, entre o carvalho e o bosque. Senti os cabelos eriçarem-se na minha cabeça e mal conseguia

respirar; no entanto, não deixei de avançar na direcção do bosque.

Era mesmo ela, a dama das visitas nocturnas. No momento em que me aproximei dela a lua saiu da nuvem que a obscurecia. O fantasma pareceu-me formado por uma névoa leitosa, semi-transparente. Através do seu rosto, distinguia, por detrás da sua cabeça, uma silva movida pelo vento. Só os seus olhos e os seus cabelos possuiam uma cor mais sombria. Reparei ainda que num dos seus dedos, enquanto mantinha as mãos cruzadas, tinha um pequeno anel de ouro, pálido e brilhante. Estaquei a dois passos dela e quis falar-lhe, mas a minha voz extinguiu-se-me na garganta e, contudo, não era exactamente terror o que sentia. O seu olhar não exprimia nem tristeza nem alegria, mas apenas uma atenção melancólica. Esperava que ela falasse, mas ela mantinha-se calada, imóvel, fitando-me com um olhar fixo e morto.

"Estou aqui! Soltei por fim um grito, fruto de um esforço espantoso. A minha voz soou com um som surdo e rouco.

— Amo-te, respondeu ela com o seu fio de voz. — Amas-me! Exclamei, estupefacto.

— Dá-te a mim, murmurou.

— Dar-me a ti! Mas tu és um fantasma, não tens corpo!» Tinha as ideias todas baralhadas. «Quem és tu? Um vapor, uma névoa, uma forma aérea?... Que eu me dê a ti!... Antes de mais diz-me quem és. Viveste na terra? De onde vens?

— Dá-te a mim. Não te farei mal. Diz apenas estas duas palavras — *Leva-me.*»

Olhava para ela espantado. «Que me está ela a dizer? O que é que significa tudo isto? Pensava. Tentarei a aventura?...

Pois bem! Exclamei subitamente, e com uma força inesperada, como se alguém me tivesse empurrado pelas costas, e disse: — Leva-me!»

Mal tinha pronunciado estas palavras e já a misteriosa figura

avançava para mim, com um riso interior que por um instante fez tremer todas as suas feições; as suas mãos desuniram-se e alongaram-se... Tive vontade de saltar para trás mas já estava em seu poder. Segurava-me nos seus braços. O meu corpo era erguido da terra em semi-arco, e voávamos os dois a uma velocidade moderada, por cima da erva imóvel.

V

Para começar, senti uma vertigem, e fechei os olhos involuntariamente. Quando os tornei a abrir pouco depois, continuávamos a voar, mas eu perdera de vista o meu bosque. Por baixo de nós estendia-se uma vasta planície coberta de manchas sombrias. Apercebi-me, perplexo, que estávamos a uma altura prodigiosa.

«Estou em poder do demónio!" Este pensamento atingiu-me como um raio. Até então, a ideia do poder diabólico, da minha possível perdição, não me tinha vindo ao espírito. E contudo voávamos sempre, e parecia que nos elevávamos cada vez mais.

«Aonde é que me levas? gritei por fim.

— Aonde quiseres, disse a minha companheira, apertando-me mais estreitamente nos seus braços. O seu rosto tocava o meu e, contudo, mal sentia o contacto.

— Volta a pôr-me no chão. Não me sinto à-vontade a esta altura.

— Está bem! Mas fecha os olhos e não respires."

Obedeci, e logo de seguida tive a impressão de cair como uma pedra. O vento batia-me nos cabelos... Logo que recuperei o sangue-frio reparei que voávamos lentamente por cima da terra, rasando as hastes das ervas altas.

«Deixa-me aqui, disse-lhe. Que ideia, voar! Não sou um pássaro.

— Julgava que estava a dar-te prazer. Nós, nós não fazemos outra coisa. — Vocês?... Mas quem são vocês?*

Não houve resposta.

"Não ousas dizer-mo?"

Um som de lamento, semelhante àquela nota melancólica que me tinha acordado na primeira noite, soou ao meu ouvido, e continuávamos sempre a voar, perto da terra na atmosfera húmida.

«Põe-me então no chão", disse-lhe. Ela baixou a cabeça em sinal de obediência e senti finalmente o chão, debaixo dos meus pés. Ficou de pé diante de mim, e voltou de novo a juntar as mãos, numa atitude de espera. Começava a sentir-me mais seguro, e pus-me a observá-la com atenção. Como da primeira vez, a sua expressão pareceu-me de uma triste resignação.

«Onde é que estamos? perguntei-lhe, já que não reconhecia o lugar onde tínhamos parado.

— Longe da tua casa; mas podemos voltar lá num instante.

— Como assim?... Terei de confiar em ti mais uma vez?

— Não te fiz mal, nem te farei. Voaremos os dois até à aurora; é tão simples como isso. Por toda a parte onde o teu pensamento for, eu posso levar-te, a todos os países da terra que quiseres. Dá-te a mim... Diz mais uma vez — *Leva-me.*

— Está bem! Leva-me!"

Os seus braços enlaçaram-me novamente; perdi a terra de vista, e recomeçámos a voar.

VI

«Aonde é que queres ir? Perguntou-me. — Sempre em frente, a direito.

— Mas está ali uma floresta.

— Passemos por cima, mas não tão depressa.»

Logo a seguir elevámo-nos, volteando como uma galinhola que atinge o cimo de um plátano, e depois continuámos em linha recta. Já não eram as ervas, mas os cimos das grandes árvores que pareciam deslizar debaixo dos nossos pés; estranho espectáculo o dessa floresta, vista do alto com os seus cumes eriçados, que a lua iluminava! Ter-se-ia dito um enorme animal estendido, adormecido e ruidoso, com uma voz surda e indistinta. Por breves momentos passámos por cima de uma clareira, e eu via a linha de sombra recortada que as árvores projectavam. De tempos a tempos ouvia-se o queixume de uma lebre no bosque cerrado. Igualmente de lamento era o grito da coruja que passava ao nosso lado. O ar trazia até nós o odor da esteva, dos cogumelos, e dos rebentos a incharem por acção do orvalho. A luz da lua derramava-se à nossa volta, fria e severa, e a Ursa Maior cintilava, circunspecta, por cima das nossas cabeças. A floresta desapareceu rapidamente atrás de nós. Vimos uma planície onde se desenhava uma longa linha de vapor cinzento: indicava o curso de um rio. Seguimos por uma das suas margens, por cima de silvados curvados sob a pesada humidade da noite.

A água ora reluzia de um brilho azulado, ora rodopiava sombria e ameaçadora. Havia lugares em que flocos de vapor tremelicavam por cima da corrente. Via, aqui e além, lírios de água expondo as suas brancas pétalas, mostrando os seus tesouros de beleza como virgens que se julgam resguardadas de qualquer olhar. Quis colher uma flor, e já quase tocava o espelho da água, quando uma frescura desagradável me saltou ao rosto, no momento em que arrancava a rude haste de um lírio.

Pusemo-nos a voar de uma margem à outra, à maneira dos maçaricos reais, e realmente, a cada momento, os espantávamos. Por mais de uma vez passámos por cima de bonitas ninhadas de patos selvagens, reunidos num pequeno grupo no meio dos caniçais. Não levantavam voo. Um deles tirava precipitadamente a

sua cabeça debaixo da asa, olhava, olhava... depois, com um ar azafamado, tornava a meter o bico dentro da penugem acetinada, enquanto que os seus companheiros deixavam escapar um fraco *quá quá*. Acordámos uma garça real numa sarça de cítiso. Vendo-a saltar com os pés, e sacudir desajeitadamente as asas, julguei ver um alemão[1]. Quanto aos peixes, não avistámos um único, todos dormiam no fundo. Começava a habituar-me à sensação de voar, e até a ter prazer. Quem já sonhou que voava poderá compreender-me. Completamente tranquilizado, concentrei-me com atenção a observar o ser estranho a quem eu devia o papel que desempenhava nesta impressionante aventura.

VII

Era uma jovem mulher cujas feições não tinham nada do tipo russo. A sua forma, de um branco acinzentado, semi-transparente, como sombras levíssimamente esboçadas, lembravam essas figuras esculpidas num vaso de alabastro, que uma lâmpada ilumina por dentro. Tinha novamente a sensação que as suas feições não me eram desconhecidas.

«Posso falar-te? perguntei-lhe.

— Fala.

— Vejo que tens um anel no dedo... Viveste na terra? Foste casada?" Parei; ela não respondia.

«Como é que te chamas? Ou como é que te chamavam?

— Chama-me Ellis.

— Ellis? É um nome inglês. És inglesa?... Conheceste-me antigamente?

— Não.

— Porque é que foi a mim que apareceste?

— Amo-te.

— És feliz?

— Sim... pairar, voar contigo no ar puro!...

— Ellis, exclamei de repente, não és uma condenada? Uma alma penada? — Não te estou a compreender, murmurou, baixando a cabeça.

— Em nome de Deus, esconjuro-te... comecei; ela interrompeu-me.

— O que é que me estás a dizer? retomou, como se de facto não me compreendesse. Não percebo o que queres dizer."

Julguei sentir um ligeiro movimento no braço que me rodeava como um cinto frio.

"Não tenhas medo, recomeçou ela. Não temas nada, amigo.» O seu rosto inclinou-se sobre o meu. Senti uma sensação estranha nos lábios, qualquer coisa como a picadela de um aguilhão embotado... como o toque de uma sanguessuga que ainda não morde.

VIII

Planávamos a uma altura considerável.Olhei para baixo. Passávamos por cima de uma cidade que eu desconhecia, construída na encosta de uma imensa colina. Igrejas elevavam-se acima de uma massa de tectos de tábuas e de pomares sombrios. Uma grande ponte sobressaía a negro sobre o rio numa das suas voltas. Cúpulas douradas e cruzes de metal brilhavam com um brilho amortecido. As varas compridas dos poços desenhavam-se silenciosas no céu entre os ramos de salgueiros. Uma estrada esbranquiçada, igualmente silenciosa, mergulhava em flecha estreita num extremo da cidade, e sempre silenciosa, voltava a saír no outro extremo, para se ir perder na obscuridade monótona de planícies sem fim.

«Que cidade é esta? perguntei a Ellis.

— N***.

— Na Província de ***?

— Sim.

— Estamos bastante longe da minha casa.

— Para nós não há distância.

— A sério?» Uma audácia súbita apoderou-se de mim. «Leva-me à América do Sul.

— Impossível. Lá é de dia.

— Ah! Nós somos pássaros nocturnos... Bom! Leva-me não importa onde, desde que seja para bem longe.

— Fecha os olhos e não respires», respondeu Ellis, e partimos com a rapidez do furacão.

O ar engolfou-se nos meus ouvidos com um ruído dilacerante. Parámos logo a seguir, mas o ruído mantinha-se: pelo contrário, redobrava. Era como um uivo terrível, um estrondo imenso.

«Agora abre os olhos», disse-me Ellis.

IX

Obedeci. «Meu Deus! Onde estou?»

Sobre as nossas cabeças, nuvens baixas, pesadas, espessas, apertando-se, empurrando-se como uma matilha de monstros em fúria.; — por baixo de nós, um outro monstro, um mar enraivecido, sim, enraivecido. Uma espuma branca, lançada em convulsões, eleva-se em montanhas agitadas; ondas devastadoras batem, com um fragor brutal, contra rochedos mais negros do que a pez. O rugido da tempestade, o sopro gelado saindo do fundo dos abismos, o estrondo das vagas a bater contra as falésias, em que julgamos ouvir, ora queixumes de lamentação, ora uma descarga de

artilharia ao longe, ou então ainda, um tilintar de sinos... depois, o rangido dos calhaus a rolarem na costa... por vezes o grito de uma gaivota invisível... e numa aberta do céu, a silhueta incerta de uma nau ..

Em toda a parte a morte, a morte e o terror!... Fechei os olhos de novo, inteiramente horrorizado.

«O que é isto? Onde é que estamos?

— Na costa sul da Ilha de White, diante dos rochedos de Blanckgang, onde muitas vezes os navios se perdem, respondeu Ellis, ao que me pareceu, com uma maligna expressão de júbilo.

— Leva-me para longe daqui! Longe daqui! Para minha casa.»

Enrolei-me todo ao tapar-me os olhos. Tive a sensação que voávamos ainda a uma velocidade maior do que antes. O vento já não assobiava — uivava, gemia na minha roupa, nos meus cabelos... Não conseguia respirar.

«Põe-te de pé», disse-me Ellis.

Fiz um esforço para recuperar os sentidos. Sentia a terra debaixo das solas dos sapatos, e não ouvia nenhum ruído. À minha volta tudo parecia morto; mas o sangue batia nas minhas fontes com violência, e a cabeça dava-me voltas com um fraco zunido interior. Pouco a pouco o estonteamento dissipou-se; endireitei-me, e abri os olhos.

X

Estávamos na calçada do meu lago. Mesmo à nossa frente, através das folhas pontiagudas de um renque de salgueiros, via-se uma imensa toalha de água por cima da qual dormiam, como que agarrados à superfície, alguns finos filamentos de nevoeiro: — à direita, a verdura terna de um campo de centeio; à esquerda, saindo

da bruma, o meu pomar com as suas grandes árvores imóveis e húmidas... A manhã já as havia tocado com o seu bafo. No céu pálido, espalhavam-se em tiras oblíquas duas ou três nuvenzinhas amareladas, como estavam sendo atingidas pelo primeiro raio da aurora, partindo sabe Deus de que ponto do horizonte, porque, de facto, na palidez uniforme do céu não havia nada que anunciasse de que lado o sol se ia mostrar. As estrelas tinham desaparecido. Ainda nada bulia e, no entanto, já tudo despertava na calma mágica do primeiro crepúsculo.

"Aí está o dia, disse-me Ellis ao ouvido. Adeus, até amanhã!"

Virei-me para ela; já tinha deixado a terra e elevava-se no ar à minha frente. De repente vi-a levar as duas mãos ao alto da cabeça. Essa cabeça, essas mãos, os seus ombros, tinham-se revestido subitamente de uma cor de carne; nos seus olhos sombrios vibraram duas vivas centelhas; um sorriso de uma misteriosa languidez tocou os seus lábios vermelhos... uma encantadora jovem se me mostrou... Tudo se passou num instante. Como que tomada de assombro, atirou-se para trás e dissolveu-se como um vapor. Fiquei perplexo durante algum tempo, imóvel. Quando pude voltar a observar, pareceu-me que aquela cor de carne, aquela cor de um rosa pálido que tinha subitamente animado a aparicão, ainda não se tinha dissipado, e que o ar que me envolvia estava como que impregnado dela... era a aurora que começava a brilhar. Senti de repente uma fadiga pesadíssima, e encaminhei-me para casa. Ao passar em frente da capoeira, ouvi os patos que tagaleravam. São sempre os primeiros pássaros a despertar...Ao longo do tecto, na extremidade das varas que retêm a palha, havia gralhas em sentinela. Todas, muito atarefadas a fazer os arranjos matinais, perfilavam-se com nitidez num céu leitoso. Por momentos, todas se erguiam ao mesmo tempo, e levantavam voo, sem dar um grito, para se ir dispôr em linha, mais adiante. No bosque vizinho, ressoou por duas

vezes o canto enrouquecido e fresco do tetraz, já à procura de bagas selvagens na erva húmida. No que me diz respeito, sentindo um ligeiro arrepio apoderar-se de mim, mergulhei na cama, onde fiquei pregado por um sono denso.

XI

Na noite seguinte, quando me aproximei do velho carvalho, Ellis veio ao meu encontro como quem se conhece há muito. Pelo meu lado, todo o receio tinha desaparecido e quase que a encontrei com prazer. Tinha deixado de tentar compreender a minha aventura, e já só pensava em voltar a voar ainda, e a satisfazer a minha curiosidade.

O braço de Ellis rapidamente me enlaçou e levantámos voo. «Vamos a Itália, disse-lhe ao ouvido.

— Aonde quiseres, amigo», respondeu com uma lenta gravidade — e inclinou a sua cabeça para mim, lentamente e gravemente. Julguei ter notado que o seu rosto não estava tão transparente como na véspera, as suas feições eram mais femininas, menos vaporosas; lembrava-me a bela criatura que se me tinha revelado de manhã, um momento antes de desaparecer...

«Esta noite, continuou Ellis, é a grande noite. Ela vem raramente; quando sete vezes treze...»

Aqui perdi algumas palavras.

«... Então, prosseguiu, podemos ver o que se oculta noutras épocas.

— Ellis! disse-lhe com um tom suplicante, quem és ? Diz-me enfim quem és!»

Sem responder, estendeu a sua longa e branca mão. Com o seu dedo, indicava no céu sombrio um ponto em que, entre pequenas estrelas, brilhava um cometa de aspecto avermelhado.

"Como é que te poderei compreender? Vives como este cometa, errante entre os planetas e o sol, vagabundeias entre os homens... ou o quê? Ou então?...» Mas a mão de Ellis pôs-se de repente nos meus olhos. Um nevoeiro branco e denso, como aquele que vem do fundo dos vales, envolveu-me de súbito.

«Para Itália! Para Itália! murmurava ela. Esta noite é a grande noite!»

XII

O nevoeiro dissipou-se, e vi por baixo de nós uma planície sem fim; mas a sensação de um ar mole e tépido na minha face tinha-me prevenido que já não estava na Rússia, e aliás, a planície onde nos encontrávamos não se parecia com as nossas — era uma superfície imensa, baça, sem ervas, deserta. Aqui e além, em toda a parte, brilhavam poças de água estagnada, semelhantes aos fragmentos de um espelho partido. Mais longe distinguia-se vagamente um mar imóvel e sem ruídos. Grandes e belas estrelas cintilavam nos interstícios de grandes e belas nuvens. E de todos os lados elevava-se um trinado, trauteado por mil vozes, incessante mas contido. Esses sons, a um tempo, penetrantes e surdos, eram a voz do deserto.

«Os Pântanos, disse Ellis. Ouves as rãs? Sentes o enxofre?

— Os Pôntinos! — E fui invadido por uma impressão de tristeza solene. — Porque é que me trazes a este país taciturno e abandonado? Não faríamos melhor em ir a Roma?

— Roma está perto, disse ela, prepara-te.»

Retomámos o nosso voo por cima da antiga Via Latina. Mergulhado num lamaçal viscoso, um búfalo levantou lentamente a sua cabeça disforme, cujos pêlos curtos e ásperos se elevavam em tufos, entre os cornos torcidos para trás. Mostrava o branco dos seus

olhos estúpidos e maus, soprando com força pelas ventas húmidas. Tinha-nos sem dúvida sentido.

«Roma! Eis Roma! disse Ellis, olha para a tua frente."

O que é esta massa negra acima do horizonte? São os arcos de uma ponte de gigantes? Que rio atravessa? Porque é que nalguns sítios se encontra demolida? Não, não é uma ponte, é um antigo aqueduto. Eis aqui os santos campos romanos; e, lá em baixo, os montes Albinos. Os seus cumes, e a construção acizentada do aqueduto são ligeiramente iluminados pelos raios da lua que começa a aparecer. Lançámo-nos subitamente, e encontrámo-nos suspensos em face de uma ruína isolada. Ninguém teria sabido dizer o que tinha sido, um túmulo, um palácio, umas termas?... Uma hera negra envolvia-a num triste abraço, e na parte inferior, como uma goela escancarada, abria-se a abóbada, meio desabada de um subterrâneo. Fui surpreendido por um odor de sepulcro, saindo de todas aquelas pequenas pedras tão bem aparelhadas, cujo revestimento de mármore tinha desaparecido há muito.

"Aqui! Continuou Ellis estendendo a mão, aqui! Pronuncia em voz alta, três vezes de seguida, o nome de um grande romano.

— O que é que vai acontecer?

— Já vais ver."

Reflecti um instante. *«Divus Caius Julius Caesar!*(2) soltei um grito. — *Divus Caius Julius Caesar!* Repeti, prolongando o som. - *Caeser!...*"

XIII

Os últimos ecos da minha voz ainda ressoavam, quando ouvi... mas desisto de descrever o que experimentei. — Primeiro, foi um ruído confuso, dificilmente perceptível ao ouvido, e repetindo-se incessantemente, de trombetas e palmas. Parecia que nalgum

lado, prodigiosamente longe, ou num abismo sem fundo, se agitava uma multidão numerosa — erguia-se, levantava-se em vagas concentradas, sempre a dar gritos abafados, semelhantes àqueles que se escapam do peito, nesses sonhos pesados que parecem durar séculos; depois, o ar foi perturbado e ficou mais sombrio por cima da ruína. Tive então a sensação de ver sombras surgir e desfilar, miríades de sombras, milhões de formas, umas arredondando-se em elmos, outras projectando-se como lanças. Os raios da lua dividiam-se em inúmeras centelhas azuis nestas lanças e capacetes, e todo este exército, toda esta multidão se apressava, se empurrava, avançava, crescia... Sentia-se que era animada por uma energia indizível, capaz de revolver o mundo. Contudo, não havia uma única forma que se destacasse... De repente, toda esta multidão é agitada por um movimento estranho — dir-se-íam vagas imensas que se afastam, que recuam. *Caesar! Caesar venit!*(3) repetem mil vozes confusas, semelhantes ao estremecimento das folhas numa floresta sobre a qual se abate um furacão. Um toque surdo ressoou, e uma cabeça pálida, severa, com as pálpebras fechadas, cingida por uma coroa de louros, a cabeça do *imperator*, saiu lentamente da ruína.

Não, não há palavras numa língua humana para exprimir o terror que se apossou de mim. Disse a mim próprio que se aquela cabeça abrisse os olhos, se os seus lábios se descerrassem, nesse instante morreria. «Ellis, gritei, não quero, não posso!... Leva-me para longe de Roma, desta brutal e terrível Roma! Partamos!

— Coração fraco!» murmurou ela, e retomámos o nosso voo. Por trás de mim ouvi o grito, desta vez retumbante, o clamor de ferro das legiões romanas; depois, tudo entrou na obscuridade.

XIV

"Olha, disse-me Ellis, e acalma-te.

Lembro-me que a minha primeira sensação foi tão doce que no princípio só pude suspirar. Um não sei quê de um azul celeste vaporoso, suavemente argênteo, envolvia-me, mas não era nem luz nem névoa. De início não distinguia nada; este clarão azul cegava-me. Mas, a pouco e pouco, desenharam-se à minha vista os nobres perfis de belas montanhas cobertas de árvores. A meus pés estendia-se um lago, com as estrelas tiritantes na profundeza das águas. Ouvi o longo murmúrio das ondas marulhosas na margem. O perfume das laranjeiras veio até mim, puro e forte como uma vaga e acompanhando-o, tão puros e tão poderosos como ele, vieram os sons de uma voz jovem de mulher... Atraído, fascinado por estes perfumes e esta voz, quis descer. Encaminhámo-nos para um magnífico palácio de mármore, encostado a um maciço de ciprestes. Os sons partiam de janelas todas abertas. O lago, semeado de pólen de flores, batia com as suas doces ondulações contra as paredes do palácio, e mesmo em frente, uma ilha revestida com a verdura sombria das laranjeiras e dos loureiros, envolta num vapor luminoso, coberta de pórticos, colunatas, templos, estátuas, erigia-se do seio das águas, alta e arredondada.

«A Isola-Bella, o Lago Maior», disse Ellis.

Limitei-me a dizer: Ah! E continuámos a descer. — A voz elevava-se cada vez mais vibrante, e atraía-me de um modo irresistível. Quis ver a figura daquela que dava a ouvir tais acentos numa noite assim. Estávamos perto da janela.

No centro de um salão mobilado ao estilo de Pompeia, e mais parecido com um museu de antiguidades do que com um apartamento moderno, rodeado de esculturas gregas, de vasos etruscos, de plantas raras, de tecidos preciosos, iluminado ao alto

por dois candeeiros dentro de globos de cristal, uma jovem estava sentada em frente de um piano. A cabeça ligeiramente inclinada para trás, os olhos semi-cerrados, cantava uma ária italiana. Cantava e sorria. Sorria, e um fauno de Praxisteles, jovem e indolente como ela, como ela, mole e voluptuoso, sorria igualmente, ao que me parecia, do seu nicho de mármore, envolto de loureiros-rosa, através de um ligeiro vapor que se escapava de um defumador antigo, colocado num tripé de bronze. A jovem estava sozinha. Encantado com estes sons, com esta beleza, ébrio do esplendor e dos perfumes da noite, comovido até ao fundo da alma por este espectáculo de juventude, de frescura e de felicidade, esquecia-me completamente da minha companheira de viagem; esquecia-me por que estranha aventura eu penetrava os segredos de uma existência tão distante e tão estranha...

Queria subir à janela e falar...

Todo o meu corpo estremeceu com uma comoção violenta, como se tivesse tocado numa botija de Leyde. Apesar da sua transparência, o rosto de Ellis tinha-se tornado sombrio e ameaçador. Nos seus olhos desmedidamente abertos ardia uma expressão de profunda maldade.

«Vamos embora!» disse bruscamente. E de novo o vento, o ruído, a vertigem... Em vez do grito das legiões, foi a última nota aguda da cantora que, durante muito tempo, ficou a vibrar nos meus ouvidos.

Parámos; mas aquela nota aguda, essa mesma nota ressoava sempre, ainda que eu sentisse um outro ar e outras emanações. Chegava-me uma frescura vigorosa como um grande rio, com um aroma de feno, de cânhamo, de fumo. A esta nota, que durou muito tempo, sucedeu-se uma outra, depois uma terceira, mas com um carácter tão pronunciado, com modulações que eu conhecia tão bem, que disse a mim próprio nesse instante — Eis um cantor russo,

uma ária russa! E simultaneamente todos os objectos à minha volta me surgiram nitidamente.

XV

Encontrávamo-nos na margem de um rio imenso. À esquerda, estendiam-se pradarias ceifadas a perder de vista, com molhos enormes; à direita, igualmente a perder de vista, distinguia-se a superfície da água. Junto à margem, longas barcas balançavam docemente presas às âncoras, agitando os mastros altos e delgados como dedos, como indicadores a fazer um sinal. Numa destas barcas, de onde partiam os cantos, brilhava um pequeno lume cujo clarão se reflectia em longas tiras vermelhas e trémulas sobre as ondas do rio. Por toda a parte, no rio, e no campo, outros fogos cintilavam. Estariam distantes ou próximos de nós? À vista não se conseguia perceber bem. Ora se apagavam bruscamente, ora se viam fulgurar, lançando um vivo brilho. Inúmeros grilos cantavam incessantemente na erva, tão encarniçados como as rãs dos Pântanos Pôntinos. O céu sem nuvens estava, todavia, baixo e escuro, e de tempos a tempos os pássaros que planavam, invisíveis, soltavam gritos de lamento.

"Não estamos na Rússia? Perguntei ao meu guia.

— Aqui está o Volga", respondeu.

Voávamos ao longo do rio. «Porque é que há bocado me arrancaste àquele delicioso país? Perguntei-lhe. Sem dúvida que não te agradava; não terás sentido um impulso de ciúme?

Os lábios de Ellis estremeceram, o seu olhar tornou-se ameaçador mas, quase de imediato, as suas feições voltaram a ter a sua vulgar imobilidade.

«Queria voltar para casa, disse-lhe.

— Espera! Espera! respondeu. Esta noite é a grande noite.

Tão cedo não voltará a haver uma noite assim. Tu podes assistir a... Espera mais um pouco..."

Logo, em seguida, atravessámos o Volga, rasando a água obliquamente, mediante movimentos sucessivos, à maneira das andorinhas fugindo diante da tempestade. As vagas profundas murmuravam por baixo de nós, um vento áspero batia-nos com a sua asa fria e poderosa. Muito rapidamente a margem direita do rio surgiu na semi-obscuridade, e apercebemo-nos das falésias — escarpadas, — com enormes — fendas. Aproximámo-nos.

«Grita: *Saryn na kichkou*[4]», disse-me Ellis baixinho.

Estava ainda mal refeito do susto que me tinha causado a aparição dos fantasmas romanos e, além disso, sentia-me muito cansado e atormentado por um qualquer vago sentimento de tristeza...

Numa palavra, faltava-me a motivação. Não queria pronunciar estas palavras fatais, convencido que elas iriam, como no Vale-do-Lobo de *Freyschutz*[5], dar origem a algum prodígio assustador; mas, apesar de mim, os meus lábios abriram-se, e com uma voz fraca e forçada, gritei: *Saryn na kitchkou.*

XVI

Tal como tinha acontecido diante da ruína romana, de início tudo permaneceu em silêncio. De súbito, mesmo junto do meu ouvido, ressoou uma gargalhada estrondosa, brutal, seguida de um gemido e do ruído de um corpo a cair na água e a debater-se. Olhei à minha volta, ninguém; contudo, ao fim de algum tempo, o eco da margem reenviou-me os mesmos sons e, rapidamente, de todos os lados, levantou-se uma algazarra espantosa. Era um verdadeiro pandemónio de ruídos: gritos humanos, assobios, vociferações furiosas, com gargalhadas...gargalhadas mais terríveis

que tudo o resto... o marulhar de remos na água, machadadas, o estrépito de portas e de cofres quebrados, o queixume dos aparelhos de mastreação que se manobram, o ranger de rodas na margem arenosa do rio, o bater dos cascos de uma imensidão de cavalos, o dobrar dos sinos que tocam a rebate, o tinir das correntes, o crepitar lúgubre de incêndios imensos, canções de bêbedos, o ranger de dentes e pragas atrozes, lamentações, orações desesperadas, ordens militares, o estertor da morte misturado com os sons alegres dos pífaros, e com a cadência de rondas em fúria. Distinguiam-se estes gritos: «Mata-o! enforca-o! deita-o à água! queima! mãos à obra! mãos à obra! sem tréguas!» Chegava mesmo a escutar a respiração ofegante que saía dos peitos esgotados... e, apesar disso, por todo o lado onde a minha vista se pudesse espraiar, nada parecia... Nenhuma alteração no aspecto da região. Diante de nós, o rio corria silencioso e sombrio; a margem parecia mais bravia e ainda mais deserta. Voltei-me para Ellis; ela pôs um dedo nos seus lábios.

«Stepàn* Timoféitch! Eis Stepàn Timoféitch(6)! Levantou-se um brado em toda planície «Viva o nosso paizinho! O nosso ataman! O nosso amo! De repente, ainda que continuasse a não ver nada, tinha a sensação que um corpo gigantesco avançava na minha direcção, e uma voz horrível pôs-se a gritar: «Frolka(7), onde estás cão? Fogo por toda a parte!

Vamos! Uma machadada nessas mãos brancas(8)! Façam-mo em fanicos!»

Senti o calor de uma chama muito perto de mim, o odor acre do fumo penetrou nas minhas narinas, e ao mesmo tempo, qualquer coisa quente e líquida, como gotas de sangue, jorraram sobre a minha cara e as minhas mãos. Gargalhadas selvagens estoiraram à nossa volta.

Desmaiei, e quando voltei a mim, estava com Ellis,

planando docemente na orla do meu bosque, não muito longe do velho carvalho.

«Estás a ver este bonito carreirozinho, disse-me, lá em baixo onde cai a lua, onde se balançam aquelas duas bétulas? Queres que vamos até lá?» Sentia-me tão abatido, tão despedaçado, que só lhe pude responder: «Para casa!

— Estás em casa», disse Ellis.

De facto, estava à minha porta, sozinho. Ellis tinha desaparecido. O cão de guarda aproximou-se, olhou-me com desconfiança e fugiu uivando. Cheguei à minha cama, não sem esforço, e adormeci sem me ter despido.

XVII

No outro dia, tive uma enxaqueca toda a manhã, e foi com dificuldade que consegui fazer alguns movimentos; mas este mal estar físico não era o que mais me preocupava. Sentia-me envergonhado com o meu comportamento e indignado comigo mesmo. «Coração fraco! Repetia a mim próprio. Sim, Ellis tem razão; assustar-me porquê? Porque não aproveitar a ocasião? Poderia ter visto César em pessoa, e o medo fez-me perder a cabeça, fiz uma gritaria, fugi como uma criança diante das virgens... Quanto a Razine, a questão era outra... Na minha qualidade de fidalgo e de proprietário... Mas ainda aí, porquê ter medo?... Coração fraco! Coração fraco!»

«Tudo isto, por outro lado, não terá sido em sonho que eu o teria visto? perguntei a mim próprio por fim. Chamei a minha criada.

«Marfa, a que horas é que me deitei ontem? Lembras-te?

— Senhores! Quem poderia dizer-to, meu amo? Creio que muito tarde. Quando começou a escurecer saíste de casa... e no teu

quarto davas pancadas com os tacões das botas até depois da meia-noite... Perto da manhã... sim, de manhã... sim. E já há dois dias que isso dura. Tens alguma mágoa?

— Bem! Estes passeios, pensei, estes passeios pelo ar, como é que eu agora ainda ia poder duvidar?... Marfa, que aspecto tenho hoje? Perguntei-lhe bruscamente.

— Que aspecto? Desculpa, deixa-me olhar para ti... Tens as faces um pouco encovadas, sim, e estás pálido, meu amo... Ah! E estás amarelo como cêra.

Um pouco perturbado, mandei Marfa embora.

«Morrerei nisto ou enlouquecerei, dizia a mim próprio meditando junto à janela. É preciso que isto acabe, é terrível. O coração bate tão estranhamente. Quando voo, tenho a sensação que me bebem o sangue do coração, ou que ele se destila, tal como a bétula no Verão deixa correr a sua seiva quando é cortada pelo machado... Tudo isto não é natural... E Ellis? Ela brinca comigo como um gato com um rato... e, no entanto, não parece querer fazer-me mal?... Vamos! É a última vez que me fio nela... Verei tanto quanto puder... e ... Mas se ela bebesse o meu sangue? Que horror!... Além disso, passeios tão rápidos devem fazer mal. Dizem que em Inglaterra, nos *railways,* é proibido ir a mais de 120 verstas à hora..."

Meditei durante muito tempo; mas, às dez horas da noite, estava junto do velho carvalho.

XVIII

A noite estava escura, triste e fria; sentia-se um ar de chuva. Para meu grande espanto, não encontrei ninguém debaixo do carvalho. Passeei algum tempo nas redondezas; fui até ao bosque, voltei, experimentando sempre penetrar na profundidade das

trevas... Ninguém! Esperei bastante tempo, depois chamei Ellis muitas vezes, com a voz cada vez mais alta, mas sempre inutilmente. Estava triste, quase aflito. Já não pensava no perigo que ainda há bocado me preocupava. Não podia aceitar a ideia de que Ellis não viria mais.

«Ellis! Ellis! Então, vem! Não vens?» gritava pela última vez. Um corvo, desperto pela minha voz, lançou-se de súbito do cimo de uma árvore vizinha, debatendo-se num estardalhaço no meio das ramagens. Ellis não aparecia.

Cabisbaixo, voltei para casa. Já me encontrava na estrada do lago, e a luz que saía da janela do meu quarto tanto brilhava em pleno, como desaparecia, interceptada pelas folhagens das minhas macieiras. Parecia-me o olho de um guardião encarregado de velar por mim. De repente, uma espécie de toque ligeiro no ar, agudo, fez-se ouvir por trás de mim, e logo me senti erguido... exactamente como uma codorniz que é levada, *levantada* por um gavião. Era Ellis. A sua face tocava a minha, e sentia o seu braço a apertar-me como um anel estreito. Falou, e a sua voz sempre contida como um murmuriozinho, ao entrar no meu ouvido, teve o efeito de um sopro gelado. «Sou eu!» disse ela. Sentia, de uma só vez, o prazer e o terror. Voávamos não muito distantes do chão.

«Então, hoje não querias vir? Perguntei-lhe.

— Ficaste zangado? Então tu amas-me! Oh! Tu pertences--me!»

Estas últimas palavras perturbaram-me; não sabia o que lhe dizer.

«Retiveram-me, prosseguiu. Eles estavam a vigiar-me.

— Quem então tem o poder de te reter?

— Onde queres ir? Perguntou-me Ellis, sem responder mais do que o habitual à minha pergunta.

— Leva-me para Itália... à beira do lago... tu sabes..." Ela

sacudiu a cabeça para dizer que não. Nesse momento, pela primeira vez, reparei que o seu rosto já não era transparente. Dir-se-ia que um ligeiro rubor se tinha espalhado na sua brancura leitosa. Observei com atenção os seus olhos, e o seu olhar impressionou-me desagradavelmente. Havia no fundo dos seus olhos um movimento sinistro, quase imperceptível, mas incessante, que fazia pensar numa serpente entorpecida que o sol começa a reanimar.

«Ellis, gritei, quem és tu? Diz-me, suplico-te.»

Ela encolheu os ombros. Eu estava irritado e quis dar-lhe uma lição. Tive a ideia de lhe pedir para me levar a Paris. Lá, pensei, ela terá realmente oportunidade de sentir ciúmes. "Ellis, disse-lhe, não tens medo das grandes cidades? De Paris, por exemplo?

— Não.

— Não? Nem dos lugares muito iluminados como as avenidas?

— Não é a luz do dia.

— Muito bem. Então leva-me ao boulevard dos Italianos.»

Lançou-me sobre a cabeça uma ponta do seu comprido braço. Rapidamente me encontrei no seio de trevas esbranquiçadas, impregnadas de um odor de papoilas. Tudo desapareceu de uma só vez, a luz, o ruído, e quase a consciência... Mal sentia que ainda vivia e, no entanto, esta espécie de aniquilamento não deixava de ter a sua doçura. Subitamente o nevoeiro dissipou-se. Ellis retirava o braço de cima da minha cabeça, e via lá em baixo inúmeros e vastos edifícios, muita luz e movimento... Estava em Paris.

XIX

Já tinha estado em Paris, e reconheci logo o sítio onde Ellis me tinha trazido. Era o Jardim das Tulherias, com os seus velhos castanheiros da Índia, as suas grades de ferro, as suas fossas de fortaleza, e os seus zuavos em serviço, semelhantes a animais

ferozes. Passámos diante do palácio, em frente de Saint-Roch, e parámos no boulevard dos Italianos. Uma multidão de gente, jovens e velhos, operários em camisa, mulheres bem vestidas, corriam apressados nos passeios. Restaurantes e cafés excessivamente dourados resplandeciam de mil luzes. Omnibus, tipóias, automóveis de todos os tipos, com os mais variados aspectos, cruzavam-se na rua. Tudo isto brilhava, fervilhava ao ponto de não se saber onde pôr os olhos. No entanto, coisa estranha, não me sentia de modo nenhum tentado a deixar o meu observatório aéreo, tão alto e puro, para me misturar com este formigueiro humano. Sentia que vinha até mim um vapor vermelho, quente, pesado, e de cheiro duvidoso. Havia demasiadas vidas humanas amontoadas nesta barafunda... Hesitava, quando, a voz de uma cortesã se elevou até mim, acre e áspera como um ranger de ferragens. Esta voz descarada teve o efeito de uma picada de insecto. Veio-me então a imagem de um rosto de pedra, inexpressivo, bochechudo, uma cara verdadeiramente parisiense, olhos de agiota, branco, vermelho, cabelos frisados, um ramo berrante de flores artificiais debaixo de um chapéu exíguo, as unhas cortadas em forma de garras, e uma crinolina informe. Veio-me, ao mesmo tempo, a imagem de um dos nossos bons provincianos da estepe, chegado de fresco a Paris, caminhando miseravelmente, a passos curtos e apressados, atrás desta desprezível boneca venal. Vi-o a tentar esconder a sua falta de jeito por detrás de um ar grosseiro, a pronunciar guturalmente os r, falando em falsete, tentanto imitar os modos dos rapazes de Véfour, fazendo reverências e graças de mau gosto. Desgostoso, disse a mim próprio: «Não é aqui que Ellis ficará com ciúmes.»

Enquanto isso, reparei que começávamos a descer... Paris enviava ao nosso encontro todos os seus ruídos e todos os seus odores. «Pára! disse a Ellis. Não achas que sufocamos aqui? — Foste tu que quiseste vir a Paris.

— Enganei-me, mudei de ideias. Leva-me para longe daqui,

Ellis, por favor. Olha! Ali está justamente o príncipe Koulmametof, a andar depressa no boulevard, e o seu amigo Serge Varaxine que lhe faz sinal com a mão e lhe grita: "Ivan Stépanitch, vamos jantar, convidei a Rigolboche em pessoa (9)!" Leva-me Ellis para longe de Mabille (10), da Casa Dourada (11), longe do Jockey-Club, longe dos soldados de cabeça rapada e das suas bonitas casernas, longe dos polícias e da sua pêra em bico, longe dos copos de absinto turvo, dos jogadores de dominó e dos jogadores da bolsa, das fitas vermelhas na botoeira da casaca e na botoeira do sobretudo, longe de M. de Foy (12), inventor da especialidade dos casamentos, longe das consultas gratuitas do doutor Charles Albert, longe dos cursos de literatura e dos folhetos governamentais, longe das comédias parisienses, das operetas parisienses, das cortesias parisienses e da ignorância parisiense. Partamos, partamos! Partamos! — Olha lá para baixo, disse-me Ellis. Já não estás sobre Paris.»

Abri os olhos. De facto, uma planície sombria, sulcada aqui e além por linhas esbranquiçadas, traçadas pelas estradas, fugia rapidamente debaixo de nós, e ao longe no horizonte, como o clarão de um incêndio imenso, elevava-se no céu a reverberação das inúmeras luzes iluminando a capital do mundo.

XX

O braço de Ellis caiu novamente sobre os meus olhos; desmaiei outra vez, e depois a nuvem dissipou-se.

O que é isto? O que é este parque com avenidas de tílias talhadas em muralhas, pinheiros isolados que se assemelham a chapéus de sol, pórticos e templos ao gosto Pompadour, estátuas de tritões rococó e ninfas ao estilo de Bernini, no meio de bacias estranhamente recortadas, rodeadas de balaustradas de mármore defumado? Seria Versailles?... Não, não é Versailles: um pequeno

palácio de arquitectura igualmente rococó sobressai de um maciço de carvalhos densos. A lua está um pouco baça, velada por uma ligeira bruma; dir-se-ia que pelo solo se espalha uma fina camada de fumo. A vista não pode adivinhar do que se trata. Será o reflexo da lua, ou antes um vapor? Mais além, numa das bacias, flutua um cisne adormecido. O seu dorso alongado lembra-me a neve das nossas estepes, endurecida pela geada. Aqui e ali luzem pirilampos como diamantes no meio da relva e nos pedestais das estátuas.

«Estamos perto de Manheim, disse Ellis, e aqui está o parque de Schwetzingen."

Ah! Estamos na Alemanha, pensei, e pus-me à escuta. Estava tudo silencioso, com excepção de uma fonte solitária e invisível que caía numa bacia. Pareceu-me que a água repetia sempre as mesmas palavras: «Lá, lá, lá, sempre lá." No meio de uma álea, entre duas paredes de arbustos, avistei um fidalgo, vestindo uma veste agaloada, sapatos com tacões vermelhos, punhos arredondados, a espada a bater na barriga das pernas, que dava a mão, com uma graciosidade distinta, a uma bela dama com um vestido de cestos, frisada, empoada... Pálidas e estranhas figuras!... Queria vê-las mais de perto, mas desaparecem logo, e ouço apenas a tagarelice incessante da fonte.

«São sonhos que se passeiam, disse-me Ellis. Ontem podia-se ver uma coisa muito diferente... muitas coisas... Esta noite, até os sonhos fogem dos olhares humanos. Vamos! Vamos!?"

Elevámo-nos, e pusémo-nos a voar tão a direito que eu não sentia o mínimo movimento, e todos os objectos por baixo de nós pareciam acolher ao nosso encontro. Montanhas sombrias, dentadas, cobertas de bosques, cresciam para nós, fugiam debaixo dos nossos olhos, seguidas de outras montanhas com as suas ondulações, as suas ravinas, as suas clareiras, os seus pontos luminosos saindo dos chalés adormecidos à beira dos ribeiros... E às

montanhas sucediam-se sempre outras montanhas. Estávamos no meio da Floresta Negra.

Sempre as montanhas, sempre as florestas, admiráveis florestas, antigas mas vigorosas. A noite está clara; distingo todas as espécies de árvores, sobretudo os pinheiros, com o tronco direito e branco. Por momentos, na orla dos bosques, aparecem cabritos monteses. Elegantemente apoiados nas suas patas miúdas, voltando a cabeça com graça, estão à espreita, levantando, vigilantes, as suas finas orelhas. As ruínas de um torreão, no cume de um rochedo nu, erguem tristemente os dentilhões a abrir brechas. Por cima das vetustas pedras esquecidas cintila serenamente uma estrela. De um pequeno lago negro solta-se, como um lamento misterioso, a nota cristalina dos sapos respondendo-se em terça. Outros sons prolongados e melancólicos, como as vibrações da harpa eólia, chegam até a mim. Estamos no país das lendas. Mesmo aqui, aquele fino vapor rasando a terra, que eu tinha reparado em Schwetzingen, estende-se por todos os lados. É sobretudo nos pequenos vales que ele é mais intenso. Conto cinco, seis, dez nuances distintas nas encostas das montanhas, e sobre este espaço aberto, vasto e monótono, a lua reina tranquilamente. O ar é forte e ligeiro. Eu próprio me sinto ligeiro, e singularmente calmo.

«Ellis, disse-lhe, deves gostar deste país.

— Eu? Eu não gosto de nada.

— O quê? Nem de mim!

— Ah! Sim, tu, respondeu com indolência.

Tive a sensação que o seu braço me apertava com uma força nova.

«Em frente! Avante!" gritava ela com uma espécie de fria exaltação.

XXI

Um grito estridente e prolongado, em trinados, ressoou inesperadamente por cima das nossas cabeças, e repetiu-se logo à nossa frente.

«É a retaguarda dos grous a caminho do norte, disse-me Ellis. Queres que nos juntemos a eles?

— Sim, voemos com os grous."

Treze portentosos e belos pássaros, dispostos em triângulo, avançavam rapidamente, agitando, muito espaçadamente, as suas vigorosas asas arqueadas. Esticando o pescoço e as patas, exibindo os seus peitos fortes, lançavam-se com tanta impetuosidade que o ar sibilava à volta deles. Era estranho ver, a esta altura, tão longe de todos os seres vivos, esta vida enérgica e audaz, esta vontade irresistível. Sem trégua e sem descanso, fendendo sempre vitoriosamente o ar, os grous trocavam de tempos em tempos alguns gritos com o seu camarada na ponta do triângulo, e havia algo de altivo e grave, como um sentimento de confiança inabalável, nestes gritos retumbantes, nesta conversa aérea. — Voaremos até ao fim apesar do cansaço, pareciam dizer entre si, encorajando-se uns aos outros. E veio-me ao espírito que na Rússia... e no mundo inteiro... há muito poucos homens comparáveis a estes pássaros.

«Neste momento, estamos a voar sobre a Rússia», disse-me Ellis. Não era a primeira vez que eu me dava conta disso; a maior parte do tempo Ellis sabia o que eu pensava.

«Queres mudar de caminho? Perguntou-me.

— Mudar?... Não, venho de Paris, leva-me a Petersburgo.

— Agora?

— Já de seguida. Mas cobre-me com o teu braço, por causa do medo da vertigem.»

Ellis estendeu a mão... mas, antes de ser envolvido pela

névoa, senti nos meus lábios o contacto desse dardo suavizado de que eu já tinha sentido a picada mole.

XXII

«Em sentido... oo... oo... oo!» Este grito prolongado ressoou nos meus ouvidos.

«Em sentido... oo... oo... oo!» responderam ao longe com um esforço desesperado.

«Em sentido... oo... oo...!» O grito extinguiu-se algures no fim do mundo. Sacudi-me. Uma grande flecha dourada erguia-se diante dos meus olhos. Reconheci a fortaleza de Petersburgo.

Pálida noite do norte!... Mas é isto a noite? Não é antes um dia descorado e doente? Nunca gostei das noites de Petersburgo mas, desta vez, quase que me senti amedrontado. O contorno de Ellis tinha completamente desaparecido, dissolvido, desfeito, como uma névoa matinal pelo sol de Julho, e não obstante, continuava a ver distintamente o meu corpo, pesadamente suspenso no ar, à vertical da coluna de Alexandre. Assim, eis-nos em Petersburgo! É mesmo isto: as ruas desertas, largas, cor de cinza; as casas cinzento esbranquiçado, amarelo acizentado, cinzento lilás, cobertas de estuque lascado, com as janelas metidas na parede, as tabuletas de cores berrantes, os alpendres em ferro a encimar as escadas exteriores; os lugares sujos de fruta, os frontões gregos em gesso, os letreiros, os alvéolos para os fiacres, os corpos de guarda da polícia! Aqui está a cúpula dourada de Santo Isaac, a Bolsa, que não serve para nada, e o seu sortido de cores, as paredes de granito da fortaleza e o chão de madeira todo partido. Reconheço estas barcas carregadas de feno e de molhos de lenha. Volto a encontrar estes cheiros de pó, de couves, de esteiras, de cascas e de estrebaria,

estes porteiros petrificados nas suas peliças, estes cocheiros de aluguer que dormem encolhidos nos seus velhos *drochki.* Sim, aí está a nossa Palmira do norte. Está tudo iluminado, tudo se desenha com uma nitidez que faz doer o coracão, e tudo dorme tristemente, amontoado no meio desta atmosfera perturbante, mas diáfana. O rosa do crepúsculo de ontem à noite, esse rosa de tuberculoso, ainda não se apagou; irá durar até de manhã, num céu branco sem estrelas. Os seus reflexos caiem em longas tiras sobre a superfície ondeada do Neva, que murmura e empurra docemente as ondas azuis e frias para o mar.

"Voemos", gritou Ellis.

E, sem esperar a minha resposta, levou-me para a outra margem do rio, do outro lado da praça do Palácio, perto da Fundição. Por baixo de nós ouvi passos e vozes. Na rua passava uma banda de jovens com um aspecto cansado, que falavam entre si de um baile de costureiras atiradiças. «Alferes Stolpakof VII (13)», gritou de repente uma sentinela, acordada de sobressalto, junto a uma pilha de balas enferrujadas. Um pouco mais longe, na janela aberta de uma grande casa, notei uma pessoa jovem vestindo um vestido de seda amarrotado, os braços nus, os cabelos numa rede de pérolas, um cigarro na boca. Lia devotamente um livro. Era um volume devido à pena de um Juvenal muito moderno.

«Voemos depressa», disse a Ellis.

Num instante, os bosquezinhos de pinheiros enfezados e os pântanos cobertos de musgo que rodeiam Petersburgo, tinham fugido debaixo de nós. Íamos direitos ao sul. O céu e a terra tornavam-se gradualmente, e cada vez mais, obscuros. Noite doentia, dia doentio, cidade doentia, deixámos tudo longe, lá atrás.

XXIII

Voávamos mais lentamente do que de costume, e eu podia seguir com o olhar as mudanças que se manifestavam progressivamente na minha terra natal. Era um panorama sem fim: bosques, charnecas, campos, ravinas, rios; de longe em longe, igrejas e aldeias, depois, ainda os campos, as ravinas, os rios. Estava de mau humor, indiferente, aborrecido. E se estava aborrecido e pesaroso, não era porque voava por cima da Rússia. Não! Mas por causa desta vastidão achatada debaixo de mim, todo o globo do mundo com a sua população efémera, medíocre, sufocando de necessidades, de dor, de doenças, agarrada a este pedaço de terra de poeira miserável... esta crosta frágil e rugosa, esta excrescência por cima do grão de areia do nosso planeta, sobre a qual irrompeu um bolor enobrecido por nós, com o nome de reino vegetal... estes homens-moscas, mil vezes mais desprezíveis do que as moscas, as suas moradas de lodo, os pequenos vestígios das suas miseráveis e monótonas querelas, as suas ridículas batalhas contra o imutável e o inevitável... Ah! Como tudo isto me era odioso! Fazia-me náuseas, e não quis continuar a contemplar um quadro tão insignificante, uma caricatura tão trivial. Estava chateado, mais do que chateado; até já nem sentia piedade pelos meus semelhantes. Todos os meus sentimentos se fundiam num só, que mal ouso confessar, a repugnância e, o que é pior ainda, o nojo por mim mesmo.

«Pára! Murmurou Ellis, pára, ou não posso mais levar-te. Tornas-te pesado.

— Para casa! Disse-lhe, com o mesmo tom com que teria falado ao meu cocheiro, cerca das quatro horas da madrugada, saindo de jantar em casa de um dos meus amigos de Moscovo, depois de ter discutido sobre o futuro da Rússia e do que se entende por *princípio da comuna*.

— Para casa!" Disse-lhe, e fechei os olhos.

XXIV

Tornei logo a abri-los. Ellis apertava-se contra mim duma maneira estranha, quase me empurrava. Olhei para ela, e todo o meu sangue gelou. Aquele que viu um rosto humano exprimir inesperadamente o mais vivo terror, sem causa aparente, esse compreenderá a minha impressão. O assombro, o terror mais pungente contraía, transtornava as feições de Ellis. Nunca tinha visto nada de semelhante num rosto vivo... Um fantasma inanimado, uma criatura sobrehumana, uma sombra, e este pânico inaudito!...

«Ellis, o que é que tens? Perguntei-lhe.

— Ela! É ela! respondeu Ellis a custo. É ela!

— Quem? Ela?

— Não pronuncies o seu nome! Não o pronuncies! Balbuciou precipitadamente. É preciso fugir! Tudo acaba... e para sempre!... Olha! Ali está ela.»

Virei os olhos na direcção da sua mão trémula, e notei qualquer coisa... qualquer coisa de verdadeiramente aterrorizante.

Aquela coisa era tanto mais aterrorizante quanto não possuía uma forma determinada... Era uma massa pesada, sombria, de um negro amarelado, salpicada como a barriga de um lagarto. Não era nem uma nuvem nem um vapor. Essa coisa estendia-se sobre a terra, lentamente, à maneira de um réptil; em seguida, eram movimentos enormes, tanto em cima como em baixo, grandes balanceamentos regulares, que faziam lembrar o bater de asas de uma ave de rapina, apressando-se a capturar a sua presa. Por instantes, descia sobre a terra dando saltos hediondos... É assim que a aranha se lança sobre a mosca presa na sua teia. «O que és, massa terrífica?...» Ao aproximar-se, — via-a e senti-a, tudo ficava subitamente invadido de torpor, tudo entrava em dissolução. Um frio venenoso e pestilento propagava-se em volta, e a sensação deste

frio produzia náuseas, os olhos deixavam de ver, e os cabelos arrepiavam-se todos na cabeça. Era uma força em movimento, uma força insuperável, que nada pára que, sem forma, sem visão, sem pensamento, vê tudo, sabe tudo, tão ardente como a ave de rapina a apanhar a sua vítima, tão astuta como a serpente, e como ela, malévola, e degolando a sua presa com o aguilhão de gelo.

«Ellis! Ellis! Gritei a tremer, é a Morte! É ela!

O som de lamento que já tinha ouvido antes, saiu dos lábios de Ellis; mas desta vez era mais a marca do desespero humano. Precipitámos o nosso voo que se tornou desordenado; Ellis elevava-se e mergulhava no ar sucessivamente, volteando sem fim, e mudando de direcção à maneira de uma perdiz ferida, ou como alguém que procura afastar o cão de caça da sua ninhada. E contudo, soltavam-se longos tentáculos desta massa horrível, esguios e medonhos como os dos pólipos, alongando-se em nossa perseguição, estendendo uma espécie de garras para nós... Um espectro gigantesco, montado num cavalo pálido, surgiu de repente no céu... Ellis redobrava os seus esforços desesperados. «Ela viu!... Não há saída! Estou perdida, gritava no meio de soluços entrecortados. Ai, ai de mim, infeliz! Teria podido... A vida teria sido para mim... e agora! Aniquilada! Aniquilada!"

Ao escutar estas últimas palavras quase nem articuladas, desmaiei.

XXV

Quando vim a mim, estava estendido de costas, na relva, e sentia uma dor surda em todos os meus membros, como a seguir a uma queda violenta. A aurora surgia e os objectos já estavam nítidos. A alguma distância de mim, uma vereda bordada de vimeiros passava ao lado de um bosque de bétulas. Este sítio era-me familiar.

Comecei a lembrar-me de todos os acontecimentos da noite, e arrepiei-me ao pensar na horrenda aparição que se tinha manifestado. «Mas porquê, dizia a mim mesmo, porque é que Ellis tinha ficado tão assustada? Estará ela, também ela, submetida ao *seu* império? Talvez não seja imortal, talvez esteja predestinada à destruição, ao aniquilamento! Como é possível?

Um ligeiro suspiro fez-se ouvir ao meu lado; virei a cabeça. A dois passos, jazia na erva uma jovem mulher, imóvel, vestida com um vestido branco comprido. Os seus longos cabelos estavam desgrenhados, e um dos ombros estava a descoberto. A mão esquerda pousava atrás da sua cabeça e a outra repousava no seu peito; os seus olhos estavam fechados, e nos seus lábios reparei numa espécie de ligeira espuma vermelha. Seria Ellis? Mas Ellis era um fantasma, e à minha frente encontrava-se uma mulher em carne e osso. Arrastei-me para ela, e inclinando-me sobre o seu rosto: «Ellis, disse-lhe, és tu?» Logo imediatamente, com um lento calafrio, as suas pálpebras abriram-se, e os seus olhos negros fixaram-se em mim. Sentia-me como que trespassado, impregnado pelo seu olhar... e quase no mesmo instante, aos meus lábios uniram-se uns lábios quentes, doces, mas com um odor de sangue. Senti o seu seio ardente contra o meu peito, enquanto os seus braços se entrelaçavam à volta do meu pescoço. «Adeus! Adeus para sempre!» disse ela com uma voz agonizante... E tudo desapareceu.

Levantei-me, cambaleando como um homem embriagado, e procurei durante muito tempo à minha volta, passando sempre, a cada instante, as mãos sobre o rosto. Finalmente encontrei-me na estrada de N., a duas verstas da minha casa. O sol já tinha nascido quando voltei aos meus aposentos.

Na noite seguinte esperei, e não sem terror, confesso-o, a aparição do meu fantasma; mas ele não veio mais. Uma vez fui à noite debaixo do velho carvalho, mas não vi nada de extraordinário.

Já quase não lamentava aqueles estranhos encontros. Meditei durante bastante tempo sobre a minha aventura; certifiquei-me que a ciência não a podia explicar, e que as lendas e as tradições não referem nada de semelhante. Na realidade, quem era Ellis? Uma aparição, uma alma penada, um espírito mau, um vampiro... Muitas vezes, tive a sensação que Ellis era uma mulher que eu conhecera outrora... Fiz esforços inauditos para me lembrar onde é que a tinha visto... Uma vez... hoje, neste preciso momento, eu lembro-me... Onde?... Não; tudo se confunde na minha memória como num sonho... Sim; pensei muito tempo sobre tudo isto e, o que não surpreenderá ninguém, é que não adiantei muito. Não consegui resolver-me a pedir conselho aos meus amigos, com medo de passar por louco. Finalmente, decidi deixar de pensar nisso, e na verdade, tinha de facto outros assuntos com que me ocupar... Por um lado, veio a emancipação dos servos com a reorganização das propriedades; por outro lado, a minha saúde ficou consideravelmente alterada. Sofro do peito, tenho insónias, e uma tosse seca. Emagreci muito. O meu rosto está pálido como o de um morto. O médico garante que o meu sangue está enfraquecido. Chama ao meu estado doentio uma *anemia.* Manda-me ir a Gastein. O homem que me trata dos negócios jura que sem mim não saberá entender-se com os camponeses. Palavra de honra! Que ele se entenda!

Mas o que significam estes sons, perfeitamente distintos e claros, sons de harmónica, que ouço cada vez que se fala à minha mente da morte de alguém?

Tornam-se cada vez mais fortes, cada vez mais esplendorosos. E porquê este arrepio tão penoso só de pensar no aniquilamento?

Notas:

(1) — O povo, na Rússia, dá aos alemães o nome de garça real.

(2) — «Divino Caius Julius César." (N. do E.)

(3) — «César está a chegar" (N. do E.)

(4) — Estas palavras, que penso que pertencem a um dialecto tártaro, eram o grito de guerra dos piratas do Volga. Quando se dava este grito, as tripulações dos barcos abordados pelos corsários deitavam-se de barriga para baixo sob pena de serem degolados.

(5) — No segundo acto da ópera de Carl Maria Von Weber (1786-1826), o *Freischutz,* o Vale-dos-Lobos, é o refúgio de Samiel, incarnação do diabo. (N.d.E.)

(6) — Stepan ou Stenka Razine, cossaco do Don, no início, pirata do Volga e do mar Caspienne, mais tarde cabecilha de uma insurreição formidável de servos, que fez Astrakhan prisioneiro e devastou várias províncias da Rússia meridional, cerca de meados do século XVII. Sofreu, vivo, o suplício da roda.

(7) — Diminuitivo de Flora, nome do irmão de Stenka.

(8) — É assim que o povo chama aos fidalgos.

(9) — Apelido de uma dançarina de baile público, muito conhecida nos anos 1859-1860. (N.d.E.)

(10) — Baile público muito frequentado. (N.d.E.)

(11) — Célebre restaurante, situado no boulevard dos Italianos. (N.d..E.)

(12) — Director de uma agência matrimornial. (N.d.E.)

(13) — Os oficiais com o mesmo nome no exército russo distinguem-se por um número de ordem.

PUBLICADOS

EDGAR ALLAN POE
o escaravelho de ouro

RAINER MARIA RILKE
a voz

THÉOPHILE GAUTIER
as mulheres do nada

FRANZ KAFKA
na corda bamba

ERNEST T. A. HOFFMANN
don juan